

| | |
|--|----|
| Texto 01: Um Sonho Instrutivo..... | 2 |
| Texto 02: Tentativa de Assassinato do Imperador da Rússia - ESTUDO PSICOLÓGICO..... | 4 |
| Texto 03: A Caridade - PELO ESPÍRITO SÃO VICENTE DE PAULO..... | 7 |
| Texto 04: Questões e Problemas - ESTÁ NO AR | 10 |
| Texto 05: Notas Bibliográficas - OS EVANGELHOS EXPLICADOS - Pelo Sr. Roustaing | 12 |
| Texto 06: Suspensão da Assistência dsos Espíritos | 14 |
| Texto 07: Os médiuns julgados..... | 16 |
| Texto 08: A fatalidade e os pressentimentos | 18 |
| Texto 09: O doutor Xavier - Sobre as diversas questões psicofisiológicas | 20 |
| Texto 10: As metades eternas | 23 |
| Texto 11: Uma lição de caligrafia por um Espírito..... | 25 |
| Texto 12: Os talismãs – medalha cabalística | 27 |
| Texto 13: O mal do medo | 29 |
| Texto 14: Assassinato de cinco crianças..... | 30 |
| Texto 15: Polêmica espírita | 32 |
| Texto 16: Sobre o suicídio | 34 |
| Texto 17: Os agêneres | 34 |
| Texto 18: Espíritos barulhentos: Como livrar-se deles | 36 |
| Texto 19: Os canibais..... | 38 |
| Texto 20: Ligação entre Espírito e corpo..... | 39 |
| Texto 21: Cenas da vida particular espírita | 40 |
| Texto 22: Papel dos Espíritos nos fenômenos naturais..... | 43 |
| Texto 23: Uma família espírita | 44 |
| Texto 24: O Espírito e o jurado..... | 46 |
| Texto 25: Um espírito que não se acreditava morto..... | 47 |
| Texto 26: Estelle Riquier | 50 |
| Texto 27: Um médium curador | 50 |
| Texto 28: O gênio das flores..... | 53 |
| Texto 29: Um Espírito se faz passar por São Luiz | 54 |
| Texto 30: O Espírito e o cãozinho..... | 56 |

Texto 01: Um Sonho Instrutivo**Junho de 1866**

Durante a última doença que tivemos no mês de abril de 1866, estávamos sob o império de uma sonolência e de um arrebatamento quase contínuos; nesses momentos sonhávamos constantemente coisas insignificantes, às quais não prestávamos a mínima atenção. Mas na noite de 24 de abril a visão ofereceu um caráter tão particular que ficamos vivamente impressionados.

Num lugar que nada lembrava à nossa memória e que se parecia com uma rua, havia uma reunião de indivíduos que conversavam; nesse número só alguns nos eram conhecidos em sonho, mas sem que os pudéssemos designar pelo nome. Considerávamos a multidão e procurávamos captar o assunto da conversa quando, de repente, apareceu no canto de uma muralha, uma inscrição em letras pequenas, brilhantes como fogo, e que nos esforçamos por decifrar. Estava assim concebida: “Descobrimos que a borracha enrolada sob a roda faz uma légua em dez minutos, desde que a estrada...” Enquanto procurávamos o fim da frase, a inscrição apagou-se pouco a pouco e nós acordamos. Temendo esquecer estas palavras singulares, apressamo-nos em as transcrever.

Qual podia ser o sentido dessa visão, que nada, absolutamente, em nossos pensamentos e em nossas preocupações podia ter provocado? Não nos ocupando nem de invenções, nem de pesquisas industriais, isto não podia ser um reflexo de nossas ideais. Depois, que podia significar essa borracha que, enrolada sob uma roda, fazia uma légua em dez minutos? Era a revelação de alguma nova propriedade dessa substância? Seria ela chamada a representar um papel na locomoção? Queriam pôr-nos no caminho de uma descoberta? Mas, então, por que se dirigir a nós, e não a homens especiais, em condições de fazer os estudos e as experiências necessárias? Contudo, o sonho era muito característico, muito especial, para ser arrolado entre os sonhos de fantasia; devia ter um objetivo; qual? É o que procurávamos inutilmente.

Durante o dia, tendo tido ocasião de consultar o Dr. Demeure sobre a nossa saúde, aproveitamos para lhe pedir que nos dissesse se o sonho apresentava algo de sério. Eis o que ele respondeu:

“Os numerosos sonhos que vos assediaram nestes últimos dias são o resultado do próprio sofrimento que experimentais. Toda vez que há enfraquecimento do corpo, há tendência para o desprendimento do Espírito; mas quando o corpo sofre, o desprendimento não se opera de maneira regular e normal; o Espírito é incessantemente chamado ao seu posto; daí uma espécie de luta, de conflito entre as necessidades materiais e as tendências espirituais; daí, também, interrupções e misturas que confundem as imagens e as transformam em conjuntos bizarros e desprovidos de sentido. O caráter dos sonhos se liga, mais do que se pensa, à natureza da doença. É um estudo a fazer, e os médicos aí encontrarão muitas vezes diagnósticos preciosos, quando reconhecerem a ação independente do Espírito e o papel importante que representa na economia. Se o estado do corpo reage sobre o Espírito, por seu lado o estado do Espírito influi poderosamente sobre a saúde e, em certos casos, é tão útil agir sobre o Espírito quanto sobre o corpo. Ora, muitas vezes a natureza dos sonhos pode ser um indício do estado do Espírito. Repito que é um estudo a fazer, negligenciado até hoje pela Ciência, que não vê em toda parte senão a ação da matéria e não leva em nenhuma conta o elemento espiritual.

“O sonho que me revelais, do qual guardastes uma lembrança tão nítida, parece-me pertencer a outra categoria. Ele contém um fato notável e digno de atenção; certamente foi motivado, mas presentemente eu não vos poderia dar uma explicação satisfatória; só poderia dar-vos a minha opinião pessoal, de que não estou muito seguro. Tomarei minhas informações em boa fonte, e amanhã vos comunicarei o que tiver aprendido.”

No dia seguinte ele nos deu esta explicação:

“O que vistes no sonho que me encarreguei de vos explicar não é uma dessas imagens fantásticas, provocadas pela doença; é, realmente, uma manifestação, não de Espíritos desencarnados, mas de Espíritos encarnados. Sabeis que

no sono podemos nos encontrar com pessoas conhecidas ou desconhecidas, mortas ou vivas. Foi este último caso que se deu naquela circunstância. Os que vistes são encarnados que, de forma isolada e sem se conhecerem, ocupam-se de invenções tendentes a aperfeiçoar os meios de locomoção, anulando, tanto quanto possível, o excesso de despesa causada pelo desgaste dos materiais hoje em uso. Uns pensaram na borracha, outros em outros materiais; mas o que há de particular é que quiseram chamar a vossa atenção, como assunto de estudo psicológico, sobre a reunião, num mesmo local, de Espíritos de diversos homens, perseguindo o mesmo objetivo. A descoberta não tem relação com o Espiritismo; é apenas o conciliábulo dos inventores que vos quiseram mostrar, e a inscrição não tinha outra finalidade senão especificar, aos vossos olhos, o objetivo principal de sua preocupação, pois há alguns que procuram outras aplicações para a borracha. Ficai persuadido de que assim o é muitas vezes, e que quando vários homens descobrem ao mesmo tempo, quer uma nova lei, quer um novo corpo, em diferentes pontos do globo, seus Espíritos estudaram a questão em conjunto, durante o sono e, ao despertar, cada um trabalha por seu lado, tirando proveito do fruto de suas observações.

“Notai bem que aí estão ideias de encarnados, e que nada prejulgam quanto ao mérito da descoberta. Pode ser que de todos esses cérebros em ebulição saia algo de útil, como é possível que só saiam quimeras. Desnecessário dizer que seria inútil interrogar os Espíritos a respeito; sua missão, como dissestes em vossas obras, não é poupar ao homem o trabalho das pesquisas, trazendo-lhe invenções acabadas, que seriam outros tantos estímulos à preguiça e à ignorância. Nesse grande torneio da inteligência humana, cada um aí entra por conta própria e a vitória é do mais hábil, do mais perseverante, do mais corajoso.”

P. – Que pensar das descobertas atribuídas ao acaso? Algumas não são fruto de nenhuma pesquisa?

Resp. – Bem sabeis que não existe acaso; as coisas que vos parecem as mais fortuitas têm sua razão de ser, pois se deve contar com as inumeráveis inteligências ocultas que presidem a todas as partes do conjunto. Se for chegado o momento de uma descoberta, seus elementos são divulgados por essas mesmas inteligências; vinte homens, cem homens passarão ao lado sem a notar; um só fixará a atenção. O fato, insignificante para a multidão, para ele é um rastro de luz; encontrá-lo não era tudo, o essencial era saber empregá-lo. Não foi o acaso que o pôs sob os olhos, mas os Espíritos bons que lhe disseram: Olha, observa e aproveita, se queres. Depois ele mesmo, nos momentos de liberdade de seu Espírito, durante o sono do corpo, pôde ser posto no caminho e, ao despertar, instintivamente, dirige-se ao local onde deve encontrar a coisa que, por sua inteligência, está chamado a fazer frutificar.

Não; não há acaso: tudo é inteligente na Natureza.

Texto 02: Tentativa de Assassinato do Imperador da Rússia - ESTUDO PSICOLÓGICO**Junho de 1866**

Sob o título de Notícias da Rússia – correspondência de São Petersburgo – o Indépendancebelge de 30 de abril dá um relato detalhado das circunstâncias que seguiram o atentado de que o czar foi objeto. Além disso, fala de certos indícios precursores do crime e contém a respeito a seguinte passagem:

“Conta-se que o governador de São Petersburgo, príncipe Souwoureff, tinha recebido uma carta anônima, assinada N.N.N., na qual alguém lhe oferecia, mediante certas indicações, desvendar um mistério importante, pedindo uma resposta na Gazeta da Polícia. A resposta apareceu; está assim concebida: ‘A chancelaria do general governador convida N.N.N. a vir amanhã, entre onze e duas horas, para dar certas explicações.’ Mas o anônimo não apareceu; enviou uma segunda carta, anunciando que era muito tarde e não estava mais livre para vir.

“O convite foi reiterado dois dias após o atentado, mas sem resultado

“Enfim, como último indício, algumas pessoas acabam de se lembrar que três semanas antes do atentado o jornal alemão Die Gartenlaube publicou o relato de uma sessão espírita, realizada em Heildelberg, na qual o Espírito Catarina II anunciava que o imperador Alexandre estava ameaçado por um grande perigo.

“Difícilmente se explica, depois de tudo isto, como a polícia russa não pôde ser instruída a tempo do crime que se preparava. Essa polícia, que custa muito caro, e que inunda de espões inúteis todos os nossos círculos e assembleias públicas, não só foi incapaz de descobrir a tempo o complô, mas até de cercar o soberano com a sua vigilância, o que é elementar e de toda necessidade, sobretudo com um príncipe que sai quase sempre só, seguido de seu canzarrão; que faz passeios a pé nas horas matinais, sem estar acompanhado por um ajudante de ordem. No próprio dia do atentado, encontrei o imperador na Rua Millonaia, às nove horas e meia da manhã; estava completamente só e saudava com afabilidade os que o reconheciam. A rua estava quase deserta e os agentes de polícia muito raros.”

O que é, sobretudo, notável nesse artigo é a menção, sem comentário, do aviso dado pelo Espírito Catarina II, numa sessão espírita. Teriam posto este fato no número dos indícios precursores, se se tivessem considerado as comunicações espíritas como trapaças ou ilusões? Numa questão tão grave, teriam evitado fazer intervir uma crença considerada como ridícula. É uma nova prova da reação que se opera na opinião, a respeito do Espiritismo.

Temos de analisar o fato do atentado de outro ponto de vista. Sabe-se que o imperador deveu a sua salvação a um jovem camponês chamado Joseph Kommissaroff que, achando-se à sua passagem, desarmou o braço do assassino. Sabe-se, também, os favores de toda natureza com que este último foi cumulado: foi nobilitado e as dádivas que recebeu lhe asseguram uma fortuna considerável.

O jovem se dirigia a uma capela, situada do outro lado do Neva, por ocasião de seu aniversário natalício; nesse momento começava o degelo e, porque a circulação estivesse interrompida, ele teve de renunciar ao seu projeto. Em decorrência desse fato, ficou na outra margem do rio e encontrou-se na passagem do imperador, que saía do jardim de verão. Tendo-se misturado à multidão, percebeu um indivíduo que tentava aproximar-se, e cujas atitudes lhe pareceram suspeitas; seguiu-o e, tendo-o visto tirar uma pistola do bolso e apontá-la para o imperador, teve a presença de espírito de lhe bater no braço, o que fez a arma disparar para o ar.

Que feliz acaso, dirão certas pessoas, que justo no momento o degelo tenha impedido Kommissaroff de atravessar o Neva! Para nós, que não acreditamos no acaso, mas que tudo está submetido a uma direção inteligente, diremos que estava nas provas do czar correr aquele perigo (Vide O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XXV, Prece num perigo iminente), mas, não tendo ainda chegado sua hora, Kommissaroff havia sido escolhido para impedir a consumação do crime, e as coisas, que parecem efeito do acaso, estavam combinadas para levar ao resultado desejado.

Os homens são os instrumentos inconscientes dos desígnios da Providência. É por eles que ela os realiza, sem que haja necessidade de recorrer a prodígios. Basta a mão invisível que os dirige e nada sai da ordem das coisas naturais.

Se é assim, dirão, o homem não passa de uma máquina, e suas ações são fatais. – Absolutamente, porque se for solicitado a fazer uma coisa, a isto não é constrangido; não deixa de conservar o livre-arbítrio, em virtude do qual pode fazê-la ou não, e a mão que o conduz fica invisível, precisamente para lhe deixar mais liberdade. Assim Kommissaroff podia muito bem não ceder ao impulso oculto que o dirigia para a passagem do imperador; podia ficar indiferente, como tantos outros, à vista do homem suspeito; enfim, poderia ter olhado para outro lado no momento em que este último tirava a pistola do bolso. – Mas, então, se tivesse resistido a esse impulso, o imperador teria sido morto? – Também não; os desígnios da Providência não estão à mercê do capricho de um homem. A vida do imperador devia ser preservada; em falta de Kommissaroff, teria sido por outro meio; uma mosca poderia picar a mão do assassino, levando-o a fazer um movimento involuntário; uma corrente fluídica dirigida sobre ele poderia ter-lhe provocado uma ofuscação. Apenas se Kommissaroff não tivesse escutado a voz íntima que o guiava mau grado seu, teria perdido o benefício da ação que estava incumbido de realizar: eis tudo o que teria resultado. Mas se a hora fatal tivesse soado para o czar, nada poderia tê-lo preservado. Ora, os perigos iminentes que corremos têm por objetivo preciso mostrar-nos que nossa vida prende-se por um fio, que pode romper-se no momento em que menos pensamos e, assim, advertir-nos para estarmos sempre prontos para partir.

Mas, por que esse jovem camponês, e não um outro? Para quem quer que não veja nos acontecimentos um simples jogo do acaso, cada coisa tem sua razão de ser. Devia, pois, haver um motivo na escolha daquele rapaz e, ainda quando esse motivo nos fosse desconhecido, a Providência nos dá bastantes provas de sua sabedoria, para não duvidar que tal escolha tinha sua utilidade.

Tendo sido a questão apresentada como objeto de estudo, numa reunião espírita realizada em casa de uma família russa que residia em Paris, um Espírito deu a seguinte explicação:

(Paris, 1 de maio de 1866 – Médiun: Sr. Desliens)

Mesmo na existência do ser mais ínfimo, nada é deixado ao acaso. Os principais acontecimentos de sua vida são determinados por sua provação: os detalhes são influenciados por seu livre-arbítrio; mas o conjunto da situação foi previsto e combinado antecipadamente por ele próprio e por aqueles que Deus escolheu para sua guarda.

No caso que aqui nos ocupa, as coisas se passaram segundo o curso ordinário. Sendo esse moço já avançado e inteligente, escolheu como provação nascer em condição miserável, depois de ter ocupado uma alta posição social; estando já desenvolvidas a sua inteligência e a sua moralidade, pediu uma condição humilde e obscura para destruir as últimas sementes do orgulho que nele havia deixado o espírito de casta. Escolheu livremente, mas Deus e os Espíritos bons se reservaram recompensá-lo na primeira manifestação de devotamento desinteressado e vedes em que consiste sua recompensa.

Resta-lhe agora, em meio às honrarias e à fortuna, conservar intacto o sentimento de humildade, que foi a base de sua nova encarnação; por isso, ainda é uma prova e uma dupla prova, na sua qualidade de homem e na sua qualidade de pai. Como homem, deve resistir ao arrebatamento de uma alta e súbita fortuna; como pai, deve preservar os filhos da arrogância dos novos-ricos. Pode criar-lhes uma posição admirável; pode aproveitar sua posição intermediária para deles fazer homens úteis ao seu país. Plebeus de nascimento, nobres pelo mérito de seu pai, poderão, como muitos dos que encarnam presentemente na Rússia, trabalhar poderosamente pela fusão de todos os elementos heterogêneos, pelo desaparecimento do elemento servil que, entretanto, durante muito tempo não poderá ser destruído de modo radical.

Nesta elevação há, sem dúvida, uma recompensa, mas ainda há uma prova. Sei que na Rússia o mérito recompensado encontra mercê diante dos grandes; mas lá, como alhures, o novo rico orgulhoso e cheio de si é vítima das

zombarias; torna-se o brinquedo de uma sociedade que em vão se esforça por imitar. O ouro e as grandezas não lhe deram a elegância e o espírito do mundo. Desprezado e invejado por aqueles em cujo meio nasceu, muitas vezes é isolado e infeliz no meio de seu fausto.

Como vedes, nem tudo é agradável nessas ascensões súbitas, sobretudo quando atingem tais proporções. Para esse jovem, esperamos, em razão de suas excelentes qualidades, que saberá gozar em paz as vantagens que lhe proporcionou sua ação, e evitar as pedras de tropeço que poderiam retardar sua marcha no caminho do progresso. Moki

Observação de Kardec

Em falta de provas materiais sobre a exatidão dessa explicação, devemos convir que ela é eminentemente racional e instrutiva; e como o Espírito que a deu sempre se distinguiu pela gravidade e alto alcance de suas comunicações, consideramos esta como tendo todos os caracteres da probabilidade.

Com efeito, a nova posição de Kommissaroff é muito arriscada para ele, e seu futuro depende da maneira pela qual sofrerá esta prova, cem vezes mais perigosa que as desgraças materiais às quais a gente se resigna por força, ao passo que é bem mais difícil resistir às tentações do orgulho e da opulência. Quanta força ele não tiraria do conhecimento do Espiritismo e de todas as verdades que ensina!

Mas, como se pôde notar, as vistas da Providência não param naquele jovem. Sofrendo sua prova, e pelo próprio fato da prova, ele pode, pelo encadeamento das circunstâncias, tornar-se um elemento de progresso para o seu país, ajudando a destruição dos preconceitos de casta. Assim, tudo se liga no mundo, pelo concurso das forças inteligentes que o dirigem; nada é inútil, e as menores coisas em aparência podem conduzir aos maiores resultados, e isto sem derrogar as leis da Natureza. Se pudéssemos ver o mecanismo que nos ocultam a nossa natureza material e a nossa inferioridade, de que admiração não seríamos transportados! Mas se não o podemos ver, o Espiritismo, revelando essas leis, no-lo faz compreender pelo pensamento, e é por aí que nos eleva, aumenta nossa fé e nossa confiança em Deus, e combate vitoriosamente a incredulidade.

Texto 03: A Caridade - PELO ESPÍRITO SÃO VICENTE DE PAULO**(Sociedade de Estudos Espíritas, sessão de 8 de junho de 1858)****Agosto de 1858**

Sede bons e caridosos: essa a chave dos céus, chave que tendes em vossas mãos. Toda a eterna felicidade se contém neste preceito: “Amai-vos uns aos outros.” Não pode a alma elevar-se às altas regiões espirituais, senão pelo devotamento ao próximo; somente nos arroubos da caridade encontra ela ventura e consolação. Sede bons, amparai os vossos irmãos, deixai de lado a horrenda chaga do egoísmo. Cumprido esse dever, abrir-se-vos-á o caminho da felicidade eterna. Ao demais, qual dentre vós ainda não sentiu o coração pulsar de júbilo, de íntima alegria, à narrativa de um ato de bela dedicação, de uma obra verdadeiramente caridosa? Se unicamente buscásseis a volúpia que uma ação boa proporciona, conservar-vos-íeis sempre na senda do progresso espiritual. Não vos faltam os exemplos; rara é apenas a boa-vontade.

Notai que a vossa História guarda piedosa lembrança de uma multidão de homens de bem. Eu vos citaria aos milhares aqueles cuja moral não tinha por objetivo senão melhorar o vosso globo. Não vos disse o Cristo tudo o que concerne às virtudes da caridade e do amor? Por que desprezar os seus ensinamentos divinos? Por que fechar o ouvido às suas divinas palavras, o coração a todos os seus bondosos preceitos?

Quisera eu que dispensassem mais interesse, mais fé às leituras evangélicas. Desprezam, porém, esse livro, consideram-no repositório de palavras ocas, uma carta fechada; deixam no esquecimento esse código admirável. Vossos males provêm todos do abandono voluntário a que votais esse resumo das leis divinas. Lede-lhe as páginas cintilantes do devotamento de Jesus, e meditai-as. Eu mesmo me sinto envergonhado de ousar vos prometer um trabalho sobre a caridade, quando penso que se encontram nesse livro todos os ensinamentos que vos devem levar às regiões celestes.

Homens fortes, armai-vos; homens fracos, fazei da vossa brandura, da vossa fé, as vossas armas. Sede mais persuasivos, mais constantes na propagação da vossa nova doutrina. Apenas encorajamento é o que vos vimos dar; apenas para vos estimularmos o zelo e as virtudes é que Deus permite nos manifestemos a vós outros. Mas, se cada um o quisesse, bastaria a sua própria vontade e a ajuda de Deus; as manifestações espíritas unicamente se produzem para os de olhos fechados e corações indóceis. Há, entre vós, homens que têm a cumprir missões de amor e de caridade: escutai-os, exaltai a sua voz; fazei se resplandeçam seus méritos e sereis, vós próprios, exaltados pelo desinteresse e pela fé viva de que vos penetrarão.

As advertências detalhadas que vos deveriam ser dadas, sobre a necessidade de ampliar o círculo da caridade e nele incluir todos os infelizes, cujas misérias são ignoradas; todas as dores que, em nome dessa doutrina – caridade – se devem buscar em seus redutos para os consolar, seriam muito extensas. Vejo com satisfação que homens eminentes e poderosos auxiliam esse progresso, que deve unir todas as classes humanas: os felizes e os infelizes. Os infelizes – coisa estranha! – dão-se todos as mãos e se ajudam mutuamente em sua miséria. Por que são os felizes mais morosos em ouvir a voz do infeliz? Por que necessitamos da mão dos poderosos da Terra para impulsionar as missões de caridade? Por que não respondemos com mais ardor a esses apelos? Por que deixamos a miséria, assim como o prazer, macular o quadro da Humanidade?

A caridade é a virtude fundamental sobre que há de repousar todo o edifício das virtudes terrenas. Sem ela não existem as outras. Sem a caridade não há esperar melhor sorte, não há interesse moral que nos guie; sem a caridade não há fé, pois a fé não é mais do que pura luminosidade que torna brilhante uma alma caridosa; é a sua consequência decisiva.

Quando deixardes que vosso coração se abra à súplica do primeiro infeliz que vos estender a mão; quando lhe derdes algo, sem questionar se sua miséria não é fingida ou se seu mal provém de um vício de que deu causa; quando abandonardes toda a justiça nas mãos divinas; quando deixardes o castigo das falsas misérias ao Criador; quando, por fim,

praticardes a caridade unicamente pela felicidade que ela proporciona e sem inquirir de sua utilidade, então sereis os filhos amados de Deus e ele vos atrairá a si.

A caridade é, em todos os mundos, a eterna âncora da salvação; é a mais pura emanção do próprio Criador; é a sua própria virtude, dada por ele à criatura. Como desprezar essa bondade suprema? Qual o coração, disso ciente, bastante perverso para recalcar em si e expulsar esse sentimento todo divino? Qual o filho bastante mau para se rebelar contra essa doce carícia: a caridade?

Não ousou falar do que fiz, porque também os Espíritos têm o pudor de suas obras; considero, porém, a que iniciarei como uma das que mais não de contribuir para o alívio dos vossos semelhantes. Vejo com frequência os Espíritos a pedirem lhes seja dado, por missão, continuar a minha tarefa. Vejo-os, minhas bondosas e queridas irmãs, no piedoso e divino ministério; vejo-os praticando a virtude que vos recomendo, com todo o júbilo que deriva de uma existência de dedicação e sacrifícios. Imensa dita é a minha, por ver quanto lhes honra o caráter, quão estimada e protegida é a missão que desempenham. Homens de bem, de boa e firme vontade, uni-vos para continuar amplamente a obra de propagação da caridade; no exercício mesmo dessa virtude, encontrareis a vossa recompensa; não há alegria espiritual que ela não proporcione já na vida presente. Sede unidos, amai-vos uns aos outros, segundo os preceitos do Cristo. Assim seja.

Kardec: Agradecemos a São Vicente de Paulo a bela e boa comunicação que se dignou de nos dar.

– Gostaria que fosse proveitosa a todos.

Permitiríeis que formulássemos algumas perguntas complementares a respeito do que acabastes de dizer?

Resp. – Eu o desejo muito; meu objetivo é vos esclarecer; perguntai o que quiserdes.

1. Pode-se entender a caridade de duas maneiras: a esmola propriamente dita e o amor aos semelhantes. Quando dissestes que era necessário que o coração se abrisse à súplica do infeliz que nos estendesse a mão, sem questionarmos se não seria fingida a sua miséria, não quisestes falar da caridade do ponto de vista da esmola?

Resp. – Sim; somente nesse parágrafo.

2. Dissestes que era preciso deixar à justiça de Deus a apreciação da falsa miséria. Parece-nos, entretanto, que dar sem discernimento às pessoas que não têm necessidade, ou que poderiam ganhar a vida num trabalho honesto, será estimular o vício e a preguiça. Se os preguiçosos encontrassem aberta com muita facilidade a bolsa dos outros, multiplicar-se-iam ao infinito, em prejuízo dos verdadeiros infelizes.

Resp. – Podeis discernir os que podem trabalhar e, então, a caridade vos obriga a fazer tudo para lhes proporcionar trabalho; entretanto, também existem falsos pobres, capazes de simular com habilidade misérias que não possuem; é para os tais que se deve deixar a Deus toda a justiça.

3. Aquele que não pode dar senão um centavo, e que deve escolher entre dois infelizes que lhe pedem, não tem razão de inquirir quem, de fato, tem mais necessidade, ou deve dar sem exame ao primeiro que aparecer?

Resp. – Deve dar ao que pareça sofrer mais.

4. Não se deve considerar também como fazendo parte da caridade o modo por que é feita? Resp. – É sobretudo na maneira de fazer a caridade que está o seu maior mérito; a bondade é sempre o indício de uma bela alma.

5. Que tipo de mérito concedeis àqueles a quem chamamos de benfeitores de ocasião?

Resp. – Só fazem o bem pela metade. Seus benefícios não lhes aproveitam.

6. Disse Jesus: “Que vossa mão direita não saiba o que faz vossa mão esquerda.”

Têm algum mérito aqueles que dão por ostentação?

Resp. – Apenas o mérito do orgulho, pelo que serão punidos.

7. Em sua acepção mais abrangente, a caridade cristã não compreende igualmente a doçura, a benevolência e a indulgência para com as fraquezas dos outros?

Resp. – Imitai Jesus; ele vos disse tudo isso. Escutai-o mais que nunca.

8. A caridade é bem compreendida quando praticada exclusivamente entre pessoas que professam a mesma opinião ou pertencem a um mesmo partido?

Resp. – Não. É sobretudo o espírito de seita e de partido que se deve abolir, porquanto todos os homens são irmãos. É sobre essa questão que concentramos os nossos esforços.

9. Suponhamos que alguém vê dois homens em perigo, mas não pode salvar senão um. Qual dos dois deverá salvar, considerando-se que um deles é seu amigo e o outro é seu inimigo? Resp. – Deve salvar o amigo, pois este amigo poderia acusá-lo de não gostar dele; quanto ao outro, Deus se encarregará.

Texto 04: Questões e Problemas - ESTÁ NO AR

(Paris, 13 de maio de 1866 – Médiun: Sr. Tail...)

Junho de 1866

P. – Quando alguma coisa é pressentida pelas massas, geralmente se diz que está no ar. Qual a origem desta expressão?

Resp. – Sua origem, como a de uma porção de coisas de que não nos damos conta e que o Espiritismo vem explicar, está no sentimento íntimo e intuitivo da realidade. A expressão é mais verdadeira do que se pensa.

Esse pressentimento geral à aproximação de algum acontecimento grave tem duas causas: a primeira vem das massas inumeráveis de Espíritos que incessantemente percorrem o espaço e que têm conhecimento das coisas que se preparam; em consequência de sua desmaterialização estão mais aptos a seguir o seu curso e lhes prever o desfecho. Esses Espíritos roçam incessantemente a Humanidade, comunicando-lhes os seus pensamentos pelas correntes fluídicas que ligam o mundo corporal ao mundo espiritual. Embora não os vejais, seus pensamentos vos chegam como o aroma das flores ocultas na folhagem, e vós os assimilais sem perceber. O ar está literalmente rasgado por essas correntes fluídicas, que por toda parte semeiam a ideia, de tal sorte que a expressão está no ar não só é uma figura, mas positivamente verdadeira. Certos Espíritos são mais especialmente encarregados pela Providência de transmitir aos homens o pressentimento das coisas inevitáveis, com vistas a lhes dar um secreto aviso, e eles cumprem essa missão espalhando-se entre as criaturas. São como vozes íntimas, que retinam no seu foro interior.

A segunda causa deste fenômeno está no desprendimento do Espírito encarnado durante o repouso do corpo. Nesses momentos de liberdade ele se mistura aos Espíritos semelhantes, àqueles com os quais tem mais afinidade; penetra-se de seus pensamentos, vê o que não pode ver com os olhos do corpo, relata a sua intuição ao despertar, como de uma ideia que lhes é toda pessoal. Isto explica como a mesma ideia surge ao mesmo tempo em cem lugares diferentes e em milhares de cérebros.

Como sabeis, certos indivíduos são mais aptos que outros para receber o influxo espiritual, quer pela comunicação direta dos Espíritos estranhos, quer pelo desprendimento mais fácil de seu próprio Espírito. Muitos gozam, em graus diversos, da segunda vista, ou visão espiritual, faculdade muito mais comum do que pensais, e que se revela de mil maneiras; outros conservam uma lembrança mais ou menos nítida do que viram nos momentos de emancipação da alma. Em consequência desta aptidão, têm noções mais precisas das coisas; não é neles um simples pressentimento vago, mas a intuição, e nalguns o conhecimento da própria coisa, cuja realização preveem e anunciam. Se se lhes pergunta como sabem, a maior parte não saberia explicar; uns dirão que uma voz interior lhes falou, outros que tiveram uma visão reveladora, e outros, enfim, que o sentem sem saber como. Nos tempos de ignorância, e aos olhos das pessoas supersticiosas, passam por adivinhos e feiticeiros, quando são apenas pessoas dotadas de mediunidade espontânea e inconsciente, faculdade inerente à natureza humana, e que nada tem de sobrenatural, mas que são incapazes de compreender os que nada admitem fora da matéria.

Essa faculdade existiu em todos os tempos, mas é de notar que se desenvolve e se multiplica sob o império de circunstâncias que incrementam a atividade do espírito, nos momentos de crise e quando da aproximação dos grandes acontecimentos. As revoluções, as guerras, as perseguições de partidos e de seitas sempre fizeram nascer um grande número de videntes e inspirados, que foram qualificados de iluminados. Dr. Demeure

Observação de Kardec— As relações do mundo corporal com o mundo espiritual nada têm de surpreendente, se se considerar que esses dois mundos são formados dos mesmos elementos, isto é, dos mesmos indivíduos, que passam alternadamente de um ao outro. Tal qual é hoje entre os encarnados da Terra, será amanhã entre os desencarnados do



Estudo: Revista Espírita de Allan Kardec – Textos Seleccionados (parte I)

espaço, e reciprocamente. O mundo dos Espíritos, portanto, não é um mundo à parte, é a própria Humanidade despojada de seu invólucro material, e que continua sua existência sob uma nova forma e com mais liberdade.

As relações desses dois mundos, em contato incessante, fazem parte, pois, das leis naturais. A ignorância da lei que os rege foi a pedra de tropeço de todas as filosofias; é por falta de seu conhecimento que tantos problemas ficaram insolúveis. O Espiritismo, que é a ciência dessas relações, nos dá a única chave que os pode resolver. Graças a ele, quantas coisas já não são mistérios!



Texto 05: Notas Bibliográficas - OS EVANGELHOS EXPLICADOS - Pelo Sr. Roustaing

Os Quatro Evangelhos, seguidos dos mandamentos explicados em espírito e em verdade pelos evangelistas, assistidos pelos apóstolos. Recolhidos e coordenados por J.-B. Roustaing, advogado na corte imperial de Bordeaux, antigo bastonário. – 3 vols. In-12. – Preço: 10 fr. 50. – Paris, Librairiecentrale, 24, boulevard desItaliens. – Bordeaux, todos os livreiros.

Junho de 1866

Esta obra compreende a explicação e a interpretação dos Evangelhos, artigo por artigo, com a ajuda de comunicações ditadas pelos Espíritos. É um trabalho considerável e que tem, para os espíritas, o mérito de não estar, em nenhum ponto, em contradição com a doutrina ensinada em O Livro dos Espíritos e em O Livro dos Médiuns. As partes correspondentes às que tratamos em O Evangelho segundo o Espiritismo o são em sentido análogo. Aliás, como nos limitamos às máximas morais que, com raras exceções, geralmente são claras, elas não poderiam ser interpretadas de diversas maneiras; por isso jamais foram assunto de controvérsias religiosas. Foi por esta razão que por aí começamos, a fim de ser aceito sem contestação, esperando, quanto ao resto, que a opinião geral estivesse mais familiarizada com a ideia espírita.

O autor desta nova obra julgou dever seguir outro caminho; em vez de proceder por gradação, quis atingir o fim de um salto. Assim, tratou certas questões que não tínhamos julgado oportuno abordar ainda e das quais, por consequência, lhe deixamos a responsabilidade, bem como aos Espíritos que as comentaram. Consequente com o nosso princípio, que consiste em regular nossa marcha pelo desenvolvimento da opinião, até nova ordem não daremos às suas teorias nem aprovação, nem desaprovação, deixando ao tempo o cuidado de as sancionar ou as contraditar. Convém, pois, considerar essas explicações como opiniões pessoais dos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas, e que, em todo o caso, necessitam da sanção do controle universal, e, até mais ampla confirmação, não poderiam ser consideradas como partes integrantes da Doutrina Espírita.

Quando tratarmos destas questões, fá-lo-emos categoricamente. Mas é que então teremos recolhido documentos bastante numerosos nos ensinamentos dados de todos os lados pelos Espíritos, a fim de poder falar afirmativamente e ter a certeza de estar de acordo com a maioria; é assim que temos feito, toda vez que se trata de formular um princípio capital. Já dissemos cem vezes: Para nós a opinião de um Espírito, seja qual for o nome que traga, tem apenas o valor de uma opinião individual; nosso critério está na concordância universal, corroborada por uma lógica rigorosa, para as coisas que não podemos controlar com os próprios olhos. De que nos serviria dar prematuramente uma doutrina como verdade absoluta se, mais tarde, devesse ser combatida pela generalidade dos Espíritos?

Dissemos que o livro do Sr. Roustaing não se afasta dos princípios de O Livro dos Espíritos e de O Livro dos Médiuns. Nossas observações assentam sobre a aplicação desses mesmos princípios à interpretação de certos fatos. É assim, por exemplo, que ele dá ao Cristo, em vez de um corpo carnal, um corpo fluídico concretizado, tendo todas as aparências da materialidade, e dele faz um agêner. Aos olhos dos homens que então não tivessem podido compreender sua natureza espiritual, deve ter passado em aparência, expressão incessantemente repetida no curso de toda a obra, para todas as vicissitudes da Humanidade. Assim se explicaria o mistério de seu nascimento: Maria não teria tido senão as aparências da gravidez. Este ponto, posto como premissa e pedra angular, é a base sobre a qual ele se apoia para a explicação de todos os fatos extraordinários ou miraculosos da vida de Jesus.

Sem dúvida nada há nisso de materialmente impossível para quem quer que conheça as propriedades do invólucro perispiritual. Sem nos pronunciarmos a favor ou contra essa teoria, diremos que ela é, pelo menos, hipotética, e que se um dia fosse reconhecida errônea, faltando a base, o edifício desabararia. Esperamos, pois, os numerosos comentários que ela não deixará de provocar da parte dos Espíritos, e que contribuirão para elucidar a questão. Sem a



Estudo: Revista Espírita de Allan Kardec – Textos Selecionados (parte I)

prejulgar, diremos que já foram feitas sérias objeções a essa teoria, e que, em nossa opinião, os fatos podem perfeitamente ser explicados sem sair das condições da humanidade corporal.

Estas observações, subordinadas à sanção do futuro, em nada diminuem a importância desta obra, que, ao lado de coisas duvidosas, em nosso ponto de vista, encerra outras incontestavelmente boas e verdadeiras, e será consultada com proveito pelos espíritos sérios.

Se o fundo de um livro é o principal, a forma não é para desdenhar e também concorre com algo para o sucesso. Acharmos que certas partes são desenvolvidas muito extensamente, sem proveito para a clareza. A nosso ver, se a obra se tivesse limitado ao estritamente necessário, poderia ter sido reduzida a dois, ou mesmo a um só volume, com isso ganhando em popularidade.

Texto 06: Suspensão da Assistência dos Espíritos**(Douai, 13 de outubro de 1865)****Junho de 1866**

Num grupo modelo, que punha em prática os deveres espíritas, notava-se com surpresa que certos Espíritos de escol, frequentadores habituais, desde algum tempo se abstinham de dar instruções, o que motivou a seguinte pergunta:

P. – Por que os Espíritos elevados, que habitualmente nos assistem, comunicam-se mais raramente conosco?

Resp. – Caros amigos, há duas causas para este abandono de que vos queixais. Em primeiro lugar não é um abandono; é apenas um afastamento momentâneo e necessário. Sois como escolares que, bem instruídos e bem dotados de repetições preliminares, são obrigados a fazer os seus deveres sem o concurso dos professores; buscam na memória; espreitam um sinal, espiam uma palavra de socorro: nada vem, nada deve vir.

Esperais nossos encorajamentos, nossos conselhos sobre a vossa conduta, sobre as vossas determinações: nada vos satisfaz, porque nada vos deve satisfazer. Fostes contemplados com ensinamentos sábios, afetuosos, encorajamentos frequentes, cheios de amenidade e de verdadeira sabedoria; tivestes inúmeras provas de nossa presença, da eficácia da nossa ajuda; a fé vos foi dada, comunicada; vós a tomastes, raciocinastes, adotastes; numa palavra, como o escolar, fostes dotados para o dever. É preciso fazê-lo sem erros, com os vossos próprios recursos, e não mais com o nosso concurso. Onde estaria o vosso mérito? Não poderíamos senão repetir incessantemente a mesma coisa. Cabe-vos agora aplicar o que vos ensinamos. É preciso voar com as próprias asas e marchar sozinho.

Em dado momento, Deus fornece uma arma e uma força a cada homem, a fim de que estes continuem a vencer novos perigos. O momento em que uma força nova se lhe revela é sempre para ele uma hora de alegria, de entusiasmo. Então a fé ardente aceita toda dor sem analisá-la, porque o amor não conta as penas; mas depois destas instantaneidades, que são a festa, é preciso o trabalho, e o trabalho só. A alma acalmou-se, o coração abrandou-se e eis que chegam a luta e a prova; eis o inimigo; é preciso aguentar o choque; é o momento decisivo. Então, que o amor vos transporte e vos faça desprezar a Terra! É preciso que o vosso coração fique vitorioso dos vis instintos do egoísmo e do abatimento; é a prova.

Desde muito tempo vos temos advertido que teríeis necessidade de estreitar os vossos laços, de vos unir, de vos fortalecer para a luta. O momento é chegado, e nele já estais. Como ireis sustentá-la? Nada mais podemos fazer, do mesmo modo que o professor não pode soprar a composição ao aluno. Ganhará o prêmio? Isto depende do proveito que tiver extraído das lições que recebeu. Assim é convosco. Possuis um código de instruções suficientes para vos conduzir até um determinado ponto. Ledo novamente essas instruções, meditai-as e não peçais outras antes de as ter aplicado seriamente, pois só nós somos os juizes; e quando chegardes ao ponto em que elas forem insuficientes, em relação ao vosso progresso moral, nós bem saberemos dar-vos outras.

A segunda razão desta espécie de isolamento de que vos queixais é esta: muitos de vossos conselheiros simpáticos têm, junto a outros homens, missões análogas às que, de início, quiseram desempenhar junto a vós; e essa quantidade de evocações de que são objeto muitas vezes os desviam de serem assíduos em vosso grupo. Vossa amiga Madalena desempenha longe um mandato difícil, e suas solitudes, estando junto a vós, alcançam também aqueles a quem ela se sacrifica para salvar. Mas todo o vosso mundo vos voltará; em dado momento reencontrareis os vossos amigos reunidos como outrora, no mesmo pensamento de simpático concurso junto aos seus protegidos. Aproveitai esse tempo para o vosso melhoramento, a fim de que, quando vierem, eles possam dizer: estamos contentes convosco. Pamphile, Espírito protetor

Observação de Kardec – Esta comunicação é uma resposta aos que se queixam da uniformidade do ensino dos Espíritos. Se refletirmos no número de verdades que nos ensinaram, veremos que nos oferecem vastíssimo campo à



Estudo: Revista Espírita de Allan Kardec – Textos Seleccionados (parte I)

meditação, até que as tenhamos assimilado e deduzido todas as suas aplicações. Que diriam de um doente que diariamente pedisse um novo remédio ao seu médico, sem seguir as suas prescrições? Se os Espíritos não nos ensinam novidades todos os dias, com o auxílio da chave que nos puseram nas mãos, e das leis que nos revelaram, por nós mesmos aprendemos novidades todos os dias, explicando o que, para nós, era inexplicável.

Texto 07: Os médiuns julgados**Janeiro/1858**

Os adversários da Doutrina Espírita apegaram-se com desvelo a um artigo publicado pelo Scientific American de 11 de julho último, sob o título de: Os Médiuns Julgados. Vários jornais franceses o reproduziram como um argumento irretorquível. Nós mesmos o reproduzimos, fazendo-o seguir de algumas observações que lhe mostrarão o valor.

“Há algum tempo, por intermédio do Boston Courier, uma oferta de 500 dólares (2.500 francos) havia sido feita a toda pessoa que, em presença e em satisfação de um certo número de professores da Universidade de Cambridge, reproduzisse alguns desses fenômenos misteriosos que os espiritualistas dizem frequentemente ser produzidos por meio de agentes chamados médiuns. O desafio foi aceito pelo Dr. Gardner e por diversas pessoas que se vangloriavam de estar em comunicação com os Espíritos. Os concorrentes reuniram-se nos Edifícios Albion, em Boston, na última semana de junho, dispostos a provar o seu poder sobrenatural. Entre eles notavam-se as senhoritas Fox, que se tornaram tão célebres pela sua superioridade nesse gênero. A comissão, encarregada de examinar as pretensões dos aspirantes ao prêmio, compunha-se dos professores Pierce, Agassiz, Gould e Horsford, de Cambridge, todos eles sábios muito distintos. Os ensaios espiritualistas duraram vários dias; jamais tinham os médiuns encontrado mais bela ocasião de pôr em evidência seu talento ou sua inspiração; mas, como os profetas de Baal, ao tempo de Elias, em vão invocaram suas divindades, como o prova a passagem seguinte do relatório da comissão:

Considerando que o Dr. Gardner não conseguiu apresentar um agente ou médium que revelasse a palavra confiada aos Espíritos em um quarto vizinho; que lesse a palavra inglesa escrita no interior de um livro ou sobre uma folha de papel dobrada; que respondesse a uma questão que só as inteligências superiores são capazes de o fazer; que fizesse ressoar um piano sem o tocar, ou mover-se uma mesa de um só pé sem o auxílio das mãos; declara, a dita comissão, que o Dr. Gardner não tem qualquer direito para exigir, do Courier de Boston, o pagamento da soma proposta de 2.500 francos.”

A experiência feita nos Estados Unidos a propósito dos médiuns lembra uma outra, realizada dez anos atrás, na França, pró ou contra os sonâmbulos lúcidos, isto é, magnetizados. A Academia de Ciências recebeu a missão de conceder um prêmio de 2.500 francos ao sujet magnético que lesse com os olhos vendados. Todos os sonâmbulos fizeram de bom grado essa experiência, nos salões ou nos teatros de feira; liam em livros fechados e decifravam toda uma carta, sentados sobre ela ou colocando-a bem dobrada e fechada sobre o ventre; porém, diante da Academia, não foram capazes de ler absolutamente nada e o prêmio não foi ganho por ninguém.

Essa experiência prova, uma vez mais, da parte de nossos adversários, a absoluta ignorância dos princípios sobre os quais repousam os fenômenos das manifestações espíritas. Entre eles há a ideia fixa de que tais fenômenos devem obedecer à vontade e reproduzir-se com a precisão de uma máquina. Esquecem completamente ou, melhor dizendo, não sabem que a causa deles é inteiramente moral e que as inteligências, que lhes são os agentes imediatos, não obedecem ao capricho de ninguém, sejam médiuns ou outras pessoas. Os Espíritos agem quando e na presença de quem lhes agrada; frequentemente, quando menos se espera é que as manifestações ocorrem com mais vigor, e quando as solicitamos elas não se verificam. Os Espíritos têm modos de ser que nos são desconhecidos; o que está fora da matéria não pode ser submetido ao cadinho da matéria. É, pois, equivocar-se julgá-los do nosso ponto de vista. Se acharem útil manifestar-se por sinais particulares, eles o farão; mas jamais à nossa vontade, nem para satisfazer à vã curiosidade.

Além disso, é preciso levar em conta uma causa bem conhecida, que afasta os Espíritos: sua antipatia por certas pessoas, principalmente por aquelas que, fazendo perguntas sobre coisas conhecidas, querem pôr à prova sua perspicácia. Quando uma coisa existe, pensam, eles devem saber; ora, é precisamente porque a coisa vos é conhecida, ou porque tendes os meios de verificá-la, que eles não se dão ao trabalho de responder; essa desconfiança os irrita enada se obtém de satisfatório; afasta sempre os Espíritos sérios, que ordinariamente não falam senão às pessoas que se lhes dirigem com confiança e sem pensamento preconcebido. Entre nós não temos exemplo disso todos os dias?

Homens superiores, conscientes de seu valor, alegrar-se-iam em responder a todas as perguntas ingênuas que visassem submetê-los a um exame, tal como se fossem escolares? Que fariam se se lhes dissessem: “Mas, se não respondeis, é porque não sabeis?” Voltariam as costas; é o que fazem os Espíritos.

Se é assim, direis, de qual meio dispomos para nos convencer? No próprio interesse da Doutrina dos Espíritos, não é desejável fazer prosélitos? Responderemos que é ter bastante orgulho quem se julga indispensável ao sucesso de uma causa; ora-os Espíritos não gostam dos orgulhosos. Convencem quem eles querem; quanto aos que creem em sua importância pessoal, demonstram o pouco caso que disso fazem não lhes dando ouvidos.

Eis, de resto, a resposta que deram a duas perguntas sobre esse assunto:

Pode-se pedir aos Espíritos sinais materiais como prova de sua existência e de seu poder?

Resp.: “Pode-se, sem dúvida, provocar certas manifestações, mas nem todos estão aptos a isso e frequentemente não obtendes o que pedis; eles não se submetem aos caprichos dos homens.”

Porém, quando alguém pede esses sinais para se convencer, não haveria utilidade em satisfazê-lo, pois que seria um adepto a mais?

Resp.: “Os Espíritos não fazem senão o que querem, e o que lhes é permitido; falando e respondendo às vossas perguntas, atestam a sua presença; isto deve bastar ao homem sério que busca a verdade na palavra”.

Escribas e fariseus disseram a Jesus: Mestre, muito gostaríamos que nos fizésseis ver algum prodígio. Respondeu Jesus: “Esta geração má e adúltera pede um prodígio, mas não lhe será dado outro senão o de Jonas”. (São Mateus.)

Acrescentaremos ainda que é conhecer bem pouco a natureza e a causa das manifestações espíritas quem acredita provocá-las por uma recompensa qualquer. Os Espíritos desprezama cupidez, tanto quanto o orgulho e o egoísmo. E só essa condição pode ser para eles um motivo de se absterem de manifestar-se. Sabei, pois, que obtereis cem vezes mais de um médium desinteressado do que daquele que é movido pelo incentivo do lucro, e que um milhão não lhe faria realizar o que não deve ser feito. Se uma coisa nos surpreende, é que haja médiuns capazes de se submeterem a uma prova que tinha por aposta uma soma de dinheiro.

Texto 08: A fatalidade e os pressentimentos

Março/1858

Um dos nossos correspondentes escreveu-nos o seguinte:

“No mês de setembro último, uma embarcação ligeira, fazendo a travessia de Dunquerque a Ostende, foi surpreendida à noite pelo mau tempo; o barco virou e, das oito pessoas que lá estavam quatro pereceram; as outras quatro, no número das quais me encontrava, conseguiram manter-se sobre a quilha. Ficamos anoite inteira nessa horrível posição, sem outra perspectiva senão esperar a morte, que nos parecia inevitável e da qual já experimentávamos todas as angústias. Ao romper do dia, tendo o vento nos empurrado para a costa, pudemos ganhar a terra a nado. Por que nesse perigo, igual para todos, só quatro pessoas sucumbiram? Notai que, a meu respeito, é a sexta ou sétima vez que escapo de um perigo tão iminente e mais ou menos nas mesmas circunstâncias. Sou levado realmente a crer que mão invisível me protege. Que fiz para merecer isso? Não sei bem; sou alguém sem importância e sem utilidade neste mundo e não me vanglorio de valer mais que os outros; longe disso: entre as vítimas do acidente havia um digno eclesiástico, modelo de virtudes evangélicas, e uma venerável irmã de São Vicente de Paulo, que iam cumprir uma santa missão de caridade cristã. A fatalidade parece desempenhar um grande papel em meu destino. Os Espíritos não estariam ali para alguma coisa? Seria possível obter deles uma explicação a esse respeito, perguntando-lhes, por exemplo, se são eles que provocam ou afastam os perigos que nos ameaçam?...”

Conforme o desejo de nosso correspondente, dirigimos as seguintes perguntas ao Espírito São Luís, que de boa vontade e comunica conosco toda vez que há uma instrução útil a transmitir.

1. Quando um perigo iminente ameaça alguém, é um Espírito que dirige o perigo, e quando dele escapa, é um outro Espírito que o afasta?

Resp.: Quando um Espírito se encarna, escolhe uma prova; elegendo-a, estabelece-se uma espécie de destino que não pode mais conjurar, uma vez que a ele está submetido; falo das provas físicas. Conservando seu livre-arbítrio sobre o bem e o mal, o Espírito é sempre senhor de suportar ou de repelir a prova; vendo-o fraquejar, um Espírito bom pode vir em seu auxílio, mas não pode influir sobre ele de maneira a dominar sua vontade. Um Espírito mau, isto é, inferior, mostrando-lhe ou exagerando um perigo físico, pode abalá-lo e apavorá-lo, mas nem por isso a vontade do Espírito encarnado fica menos livre de qualquer entrave.

2. Quando um homem está na iminência de perecer por acidente, parece-me que o livre-arbítrio nada vale. Pergunto, pois, se é um Espírito mau que provoca esse acidente; se, de alguma sorte, é o seu agente; e, caso se livre do perigo, se um Espírito bom veio em seu auxílio.

Resp.: Os Espíritos bons e maus não podem sugerir senão pensamentos bons ou maus, conforme sua natureza. O acidente está assinalado no destino do homem. Quando tua vida é posta em perigo, é uma advertência que tu mesmo desejaste, a fim de te desviasses do mal e de te tornares melhor. Quando escapas a esse perigo, ainda soba influência do perigo que correste, pensas mais ou menos vivamente, segundo a ação mais ou menos forte dos Espíritos bons, em te tornares melhor. Sobrevindo o Espírito mau – e digo mau, subentendendo o mal que nele ainda persiste – pensas que igualmente escaparás a outros perigos, e deixas, de novo, tuas paixões se desencadearem.

3. A fatalidade que parece presidir aos destinos materiais de nossa vida também é resultante do nosso livre-arbítrio?

Resp.: Tu mesmo escolheste a tua prova. Quanto mais rude ela for e melhor a suportares, tanto mais te elevarás. Os que passam a vida na abundância e na ventura humana são Espíritos pusilânimes, que permanecem estacionários. Assim, o número dos desafortunados é muito superior ao dos felizes deste mundo, atento que os Espíritos, na sua maioria, procuram as provas que lhes sejam mais proveitosas. Eles veem perfeitamente bem a futilidade das vossas grandezas e gozos. Acresce que a mais ditosa existência é sempre agitada, sempre perturbada, mesmo quando houvesse ausência da dor.

4. Compreendemos perfeitamente essa doutrina, mas isso não nos explica se certos Espíritos exercem uma ação direta sobre a causa material do acidente. Suponhamos que uma ponte se desmorone no momento em que um homem passa sobre ela. Quem impeliu o homem a passar por essa ponte?

Resp.: Quando um homem passa sobre uma ponte que deve cair, não é um Espírito que o leva a passar ali, é o instinto de seu destino que o conduz a ela.

5. Quem fez a ponte desmoronar?

Resp.: As circunstâncias naturais. A matéria tem em si as causas da destruição. No presente caso, tendo o Espírito necessidade de recorrer a um elemento estranho à sua natureza para movimentar forças materiais, recorrerá de preferência à intuição espiritual. Assim, devendo a ponte desmoronar-se, a água disjunta as pedras que a compõem, a ferrugem corrói as correntes que a sustentam e o Espírito, digamos, insinuará ao homem que passe por essa ponte, em vez de passar por outro local. Tendes, aliás, uma prova material do que digo: seja qual for o acidente, ocorre sempre naturalmente, isto é, por causas que se ligam às outras e o produzem insensivelmente.

6. Tomemos um outro caso, em que a destruição da matéria não seja a causa do acidente. Um homem mal-intencionado atira em mim, a bala passa de raspão, mas não me atinge. Poderá ter sucedido que um Espírito bondoso haja desviado o projétil?

Resp.: Não.

7. Podem os Espíritos advertir-nos diretamente de um perigo? Eis um fato que parece confirmá-lo: Uma mulher saiu de casa e seguia pelo bulevar. Uma voz íntima lhe diz: Vai embora; retorna para tua casa. Ela hesita. A mesma voz faz-se ouvir várias vezes; então ela volta; mas, pensando melhor, diz a si mesma: O que vou fazer em minha casa? Acabo de sair de lá; sem dúvida é efeito da minha imaginação. Então, continua o seu caminho. Alguns passos mais adiante, uma viga que tiravam de uma casa atinge-lhe a cabeça e a derruba, inconsciente. Que voz era aquela? Não era um pressentimento do que ia acontecer a essa mulher?

Resp.: A voz do instinto; nenhum pressentimento, aliás, apresenta tais caracteres: são sempre vagos.

8. Que entendeis por voz do instinto?

Resp.: Entendo que, antes de encarnar-se, o Espírito tem conhecimento de todas as fases de sua existência; quando estas fases têm um caráter fundamental, conserva ele uma espécie de impressão em seu foro íntimo e tal impressão, despertando quando o momento se aproxima, torna-se pressentimento.

Texto 09: O doutor Xavier - Sobre as diversas questões psicofisiológicas

Março/1858

Um médico de grande talento, que designaremos pelo nome de Xavier, morto há alguns meses, e que se ocupou muito de magnetismo, havia deixado um manuscrito que supunha viesse revolucionar a Ciência. Antes de morrer, havia lido O Livro dos Espíritos e desejado um contato com o seu autor. A doença de que sucumbiu não lhe deixou tempo para isso. Sua evocação ocorreu a pedido da família, e as respostas que encerra, eminentemente instrutivas, levaram-nos a inseri-las nesta coletânea, suprimindo, entretanto, tudo quanto fosse de interesse particular.

1. Lembrais do manuscrito que deixastes?

Resp. – Ligo-lhe pouca importância.

2. Qual a vossa opinião atual sobre esse manuscrito?

Resp. – Obra vã, de um ser que se ignorava a si mesmo.

3. Pensáveis, entretanto, que essa obra poderia fazer uma revolução na Ciência?

Resp. – Agora vejo muito claramente.

4. Como Espírito, poderíeis corrigir e acabar esse manuscrito?

Resp. – Parti de um ponto que conhecia mal; talvez fosse preciso refazer tudo.

5. Sois feliz ou infeliz?

Resp. – Espero e sofro.

6. Que esperais?

Resp. – Novas provas.

7. Qual é a causa de vossos sofrimentos?

Resp. – O mal que fiz.

8. Entretanto, não fizestes o mal intencionalmente.

Resp. – Conheceis bem o coração do homem?

9. Sois errante ou encarnado?

Resp. – Errante.

10. Quando entre nós, qual a vossa opinião sobre a Divindade?

Resp. – Não acreditava nela.

11. E agora?

Resp. – Não creio bastante.

12. Tínheis desejo de entrar em contato comigo; lembrai-vos?

Resp. – Sim.

13. Vedes a mim e me reconheceis como sendo a pessoa com quem queríeis entrar em relação?

Resp. – Sim.

14. Que impressão vos deixou O Livro dos Espíritos?

Resp. – Transtornou-me.

15. Que pensais dele agora?

Resp. – É uma grande obra.

16. Que pensais do futuro da Doutrina Espírita?

Resp. – É grande, mas certos discípulos a prejudicam.

17. Quais são os que a prejudicam?

Resp. – Os que atacam o que existe: as religiões, as primeiras e mais simples crenças dos homens.

18. Como médico, e em razão dos estudos que fizestes, sem dúvida podeis responder às seguintes perguntas: Pode o corpo conservar por alguns instantes a vida orgânica após a separação da alma?

Resp. – Sim.

19. Por quanto tempo?

Resp. – Não há tempo.

20. Precisai vossa resposta, eu vos peço.

Resp. - Isso não dura senão alguns instantes.

21. Como se opera a separação entre a alma e o corpo?

Resp. – Como um fluido que escapa de um vaso qualquer.

22. Há uma linha de demarcação realmente nítida entre a vida e a morte?

Resp. – Esses dois estados se tocam e se confundem; assim, o Espírito se desprende pouco a pouco de seus laços; ele os desenlaça, não os arrebenta.

23. Esse desprendimento da alma opera-se mais prontamente em uns do que em outros?

Resp. – Sim: nos que em vida já se elevaram acima da matéria, porque, então, sua alma pertence mais ao mundo dos Espíritos do que ao mundo terrestre.

24. Em que momento se opera a união entre a alma e o corpo na criança?

Resp. – Quando a criança respira; como se recebesse a alma com o ar exterior.

Observação de Kardec: Essa opinião é consequência do dogma católico. Com efeito, ensina a Igreja que a alma não pode ser salva senão pelo batismo; ora, como a morte natural intrauterina é muito frequente, em que se tornaria essa alma, privada, segundo ela, desse único meio de salvação, se existisse no corpo antes do nascimento? Para ser coerente, seria preciso que o batismo fosse realizado, se não de fato, pelo menos de intenção, desde o momento da concepção.

25. Como, então, explicais a vida intrauterina?

Resp. – É a da planta que vegeta. A criança vive vida animal.

26. Há crime em privar da vida uma criança, antes do seu nascimento, uma vez que, nessa fase, não tendo alma, ainda não seria um ser humano?

Resp. – A mãe, ou qualquer outra pessoa que tirar a vida de uma criança antes de nascer, cometerá sempre um crime, porquanto impede a alma de suportar as provas de que o corpo deverá servir de instrumento.

27. A expiação que deveria sofrer a alma impedida de se encarnar, não obstante, poderá ocorrer?

Resp. – Sim, mas Deus sabia que a alma não se uniria àquele corpo; assim, nenhuma alma deveria unir-se àquele envoltório corporal: era uma prova para a mãe.

28. Dado o caso que o nascimento da criança pusesse em perigo a vida da mãe dela, haverá crime em sacrificar-se a primeira para salvar a segunda?

Resp. – Não; preferível é se sacrifique o ser que ainda não existe a sacrificar-se o que já existe.

29. A união entre a alma e o corpo opera-se instantânea ou gradualmente? Isto é, será necessário um tempo apreciável para que essa união seja completa?

Resp. – O Espírito não entra bruscamente no corpo. Para medir esse tempo, imaginai que o primeiro sopro que a criança recebe é a alma que entra no corpo: o tempo que o peito se eleva e se abaixa.

30. Há predestinação na união da alma com tal ou qual corpo, ou só na última hora é feita a escolha do corpo que ela tomará?

Resp. – Deus a marcou; essa questão exige maiores desenvolvimentos. Tendo o Espírito escolhido a prova a que queira submeter-se, pede para encarnar. Ora, Deus, que tudo sabe e vê, já antecipadamente sabia e vira que tal Espírito se uniria a tal corpo. Quando o Espírito nasce nas baixas camadas sociais, sabe que sua vida será de labor e sofrimento. A criança que vai nascer tem uma existência que resulta, até certo ponto, da posição de seus pais.

31. Por que pais bons e virtuosos dão nascimento a filhos de natureza perversa? Em outras palavras, por que as boas qualidades dos pais não atraem sempre, por simpatia, um Espírito bom para lhes animar o filho?

Resp. – Um Espírito mau pede bons pais na esperança de que seus conselhos o dirijam por um caminho melhor.

32. Podem os pais, por seus pensamentos e suas preces, atrair ao corpo do filho um Espírito bom, ao invés de um Espírito inferior?

Resp. – Não; mas podem melhorar o Espírito da criança a que deram nascimento: é seu dever; os maus filhos são uma prova para os pais.

33. Concebe-se o amor maternal para a conservação da vida da criança, mas, uma vez que esse amor está na Natureza, por que há mães que odeiam seus filhos e, muitas vezes, desde o nascimento?



Estudo: Revista Espírita de Allan Kardec – Textos Seleccionados (parte I)

Resp. – Espíritos maus, que tratam de enterrar o Espírito da criança, a fim de que sucumba sob a prova que desejou.

34. Agradecemos as explicações que tivestes a bondade de nos dar.

Resp. – Tudo farei para vos instruir.

Observação de Kardec: A teoria dada por esse Espírito sobre o instante da união entre a alma e o corpo não é absolutamente exata. A união começa desde a concepção, isto é, a partir do momento em que o Espírito, sem estar encarnado, liga-se ao corpo por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até o instante em que a criança vê a luz. A encarnação só se completa quando a criança respira.

Texto 10: As metades eternas

Maio/1858

Extraímos a seguinte passagem da carta de um de nossos assinantes.

“(…) Há alguns anos perdi uma esposa boa e virtuosa e, malgrado me houvesse deixado seis filhos, sentia-me em completo isolamento, quando ouvi falar das manifestações espíritas. Logo me encontrava no seio de um pequeno grupo de bons amigos, que todas as noites se ocupavam desse assunto. Nas comunicações obtidas, cedo aprendi que a verdadeira vida não está na Terra, mas no mundo dos Espíritos; que minha Clémence lá era feliz e que, como os outros, trabalhava pela felicidade dos que aqui havia conhecido. Ora, eis um ponto sobre o qual desejo ardentemente ser por vós esclarecido.

Uma noite, dizia eu à minha Clémence: querida amiga, por que, apesar de todo o nosso amor, acontecia que nem sempre nos púnhamos de acordo nas diferentes circunstâncias de nossa vida comum, e por que muitas vezes éramos forçados a nos fazer mútuas concessões para vivermos em boa harmonia? Ela me respondeu isto: meu amigo, éramos pessoas honradas e honestas; vivemos juntos, e poderíamos dizer, do melhor modo possível nesta Terra de provas; mas não éramos nossas metades eternas. Tais uniões são raras na Terra; podem ser encontradas, entretanto representam um grande favor de Deus. Os que desfrutam dessa felicidade experimentam alegrias que te são desconhecidas.

Podes dizer-me – repliquei – se vês tua metade eterna? – Sim, diz ela, é um pobre coitado que vive na Ásia; só poderá reunir-se a mim dentro de 175 anos, segundo a vossa maneira de contar. – Reunir-vos-eis na Terra ou num outro mundo? – Na Terra. Mas escuta: não te posso descrever bem a felicidade dos seres assim reunidos; rogarei a Heloísa e Abelardo que te venham informar. – Então, senhor, esses dois seres felizes vieram nos falar dessa indizível felicidade. À nossa vontade, disseram eles, dois não fazem mais que um; viajamos nos espaços; desfrutamos de tudo; amamo-nos com um amor sem-fim, acima do qual só pode existir o amor de Deus e dos seres perfeitos. Vossas maiores alegrias não valem um só de nossos olhares, um só de nossos apertos de mão.

A ideia das metades eternas me alegra. Ao criar a Humanidade, parece que Deus a fez dupla e, ao separar suas duas metades, teria dito: Ide por esse mundo e procurai encarnações. Se fizerdes o bem, a viagem será curta e permitirei a vossa união; do contrário, muitos séculos se passarão antes que possais desfrutar dessa felicidade. Tal é, parece-me, a causa primeira do movimento instintivo que leva a Humanidade a buscar a felicidade; felicidade que não compreendemos e que não nos damos ao trabalho de compreender. Desejo ardentemente, senhor, ser esclarecido sobre essa teoria das metades eternas e ficaria feliz se encontrasse uma explicação sobre o assunto em um dos vossos próximos números (…)

Abelardo e Heloísa, interrogados sobre esse ponto, nos deram as seguintes respostas:

P. As almas foram criadas duplas?

Resp. – Se tivessem sido criadas duplas as simples seriam imperfeitas.

P. É possível reunirem-se duas almas na eternidade e formarem um todo?

Resp. – Não.

P. Tu e Heloísa formastes, desde a origem, dois seres bem distintos?

Resp. – Sim.

P. Formai-vos ainda, neste momento, duas almas distintas?

Resp. – Sim; mas sempre unidas.

P. Todos os homens se encontram na mesma condição?

Resp. – Conforme sejam mais ou menos perfeitos.

P. Todas as almas são destinadas a um dia se unirem a uma outra alma?

Resp. – Cada Espírito tem a tendência de procurar um outro Espírito que lhe seja afim; a isso chamas simpatia.

P. Nessa união há uma condição de sexo?

Resp. – As almas não têm sexo.

Tanto para satisfazer o desejo de nosso assinante quanto para nossa própria instrução, dirigimos ao Espírito São Luís as seguintes perguntas:

1. As almas que devem unir-se estão, desde suas origens, predestinadas a essa união e cada um de nós tem, nalguma parte do Universo, sua metade, a que fatalmente um dia se reunirá?

Resp. – Não; não há união particular e fatal, de duas almas. A união que há é a de todos os Espíritos, mas em graus diversos, segundo a categoria que ocupam, isto é, segundo a perfeição que tenham adquirido. Quanto mais perfeitos, tanto mais unidos. Da discórdia nascem todos os males humanos; da concórdia resulta a completa felicidade.

2. Em que sentido se deve entender a palavra metade, de que alguns Espíritos se servem para designar os Espíritos simpáticos?

Resp. – A expressão é inexata. Se um Espírito fosse a metade do outro, separados os dois, estariam ambos incompletos;

3. Se dois Espíritos perfeitamente simpáticos se reunirem, estarão unidos para todo o sempre, ou poderão separar-se e se unirem a outros Espíritos?

Resp. – Todos os Espíritos estão reciprocamente unidos. Falo dos que atingiram a perfeição. Nas esferas inferiores, desde que um Espírito se eleva, já não simpatiza, como dantes, com os que lhe ficaram abaixo.

4. Dois Espíritos simpáticos são complemento um do outro, ou a simpatia entre eles existente é resultado de identidade perfeita?

Resp. – A simpatia que atrai um Espírito a outro resulta da perfeita concordância de seus pendores e instintos. Se um tivesse que completar o outro, perderia a sua individualidade.

5. A identidade necessária à existência da simpatia perfeita apenas consiste na analogia dos pensamentos e sentimentos, ou também na uniformidade dos conhecimentos adquiridos?

Resp. – Na igualdade dos graus de elevação.

6. Podem tornar-se simpáticos futuramente Espíritos que no momento não o são?

Resp. – Todos o serão. Um Espírito, que hoje está numa esfera inferior, ascenderá, aperfeiçoando-se, à em que se acha tal outro Espírito. E ainda mais depressa se dará o encontro dos dois, se o mais elevado, suportando mal as provas a que se submeteu, demorou-se no mesmo estado.

7. Podem deixar de ser simpáticos um ao outro, dois Espíritos que já o sejam?

Resp. – Certamente, se um deles for preguiçoso.

Essas respostas resolvem perfeitamente a questão. A teoria das metades eternas encerra uma simples figura, representativa da união de dois Espíritos simpáticos. Trata-se de uma expressão usada até na linguagem vulgar e que se não deve tomar ao pé da letra. Não pertencem, decerto, a uma ordem elevada os Espíritos que a empregaram. Sendo necessariamente limitado o campo de suas ideias, exprimiram seus pensamentos com os termos de que se teriam utilizado na vida corporal. Não se deve, pois, aceitar a ideia de que, criado um para o outro, dois Espíritos tenham fatalmente de reunir-se um dia na eternidade, depois de estarem separados por tempo mais ou menos longo.

Texto 11: Uma lição de caligrafia por um Espírito

Julho/1858

Em geral os Espíritos não são mestres em caligrafia, pois ordinariamente a escrita do médium não se notabiliza pela elegância. O Sr. D..., um de nossos médiuns, apresentou a respeito um fenômeno excepcional, isto é, escreveu muito melhor sob a influência dos Espíritos do que sob a sua própria inspiração. Sua escrita normal é péssima (da qual não se envaidece, dizendo que é a dos grandes homens); toma um caráter especial, muito distinto, conforme o Espírito que se comunica, e é sempre a mesma com o mesmo Espírito, porém mais nítida, mais legível e mais correta; com alguns, é uma espécie de escrita inglesa, traçada com certa ousadia.

Um dos membros da Sociedade, o Dr. V..., teve a ideia de evocar um distinto calígrafo, tendo como motivo de observação o estudo da caligrafia. Conhecia um, chamado Bertrand, falecido há cerca de dois anos, com o qual tivemos, numa outra sessão, a conversa que se segue:

1. À formula de evocação, respondeu: Eis-me aqui.

2. Onde estáveis quando vos evocamos?

Resp. – Já me encontrava perto de vós.

3. Sabeis qual o principal objetivo que nos levou a solicitar que viésseis?

Resp. – Não; mas desejo sabê-lo.

Observação de Kardec: O Espírito do Sr. Bertrand ainda se acha sob a influência da matéria, como era de supor, tendo em vista a sua vida terrena; sabe-se que tais Espíritos são menos aptos a ler o pensamento do que aqueles que estão mais desmaterializados.

4. Gostaríamos que fizésseis reproduzir pelo médium uma escrita caligráfica que possuísse as características da que tínheis em vida. Vós o podeis?

Resp. – Eu o posso.

Observação de Kardec: A partir desse momento o médium, que não procede de acordo com as regras ensinadas pelos professores de caligrafia, tomou, sem que percebesse, uma postura correta, tanto em relação ao corpo quanto à mão. Todo o resto da conversa foi escrito como o fragmento cujo fac-símile reproduzimos. Como termo de comparação, damos acima a escrita normal do médium.

5. Lembrai-vos das circunstâncias de vossa vida terrestre?

Resp. – De algumas.

6. Poderíeis dizer-nos em que ano morrestes?

Resp. – Em 1856.

7. Com que idade?

Resp. – Aos 56 anos.

8. Em que cidade habitáveis?

Resp. – Saint-Germain.

9. Qual era vosso gênero de vida?

Resp. – Esforçava-me para contentar meu corpo.

10. Vós vos ocupáveis um pouco das coisas do outro mundo?

Resp. – Não muito.

11. Lamentais não pertencer a este mundo?

Resp. – Lamento não haver empregado bem a minha existência.

12. Sois mais feliz do que na Terra?

Resp. . – Não; sofro pelo bem que não fiz.

13. Que pensais do futuro que vos está reservado?

Resp. – Penso que tenho necessidade de toda a misericórdia de Deus.

14. Quais são as vossas relações no mundo em que estais?

Resp. – Relações lamentáveis e infelizes.

15. Quando retornais à Terra, há lugares que frequentais de preferência?

Resp. – Procuvo as almas que se compadecem de minhas penas, ou que oram por mim.

16. Vedes as coisas da Terra tão claramente como quando vivíeis entre nós?

Resp. – Procuvo não as ver; se as buscasse, seria mais uma causa de desgostos.

17. Diz-se que, quando vivo, éreis muito pouco tolerante. É verdade?

Resp. – Eu era muito violento.

18. Que pensais do objetivo de nossas reuniões?

Resp. – Gostaria muito de havê-las conhecido quando encarnado; ter-me-iam tornado melhor.

19. Vedes aí outros Espíritos além de vós?

Resp. – Sim, mas me sinto bastante confuso diante deles.

20. Rogamos a Deus que vos guarde em sua santa misericórdia. Os sentimentos que acabais de exprimir farão com que encontreis graças diante d’Ele, e não duvidamos que vos auxiliem o progresso.

Resp. – Eu vos agradeço; Deus vos proteja! Bendito seja por isso! Minha vez chegará também, assim o espero.

Observação de Kardec: Os ensinamentos fornecidos pelo Espírito do Sr. Bertrand são absolutamente exatos e de acordo com o gênero de vida e o caráter que lhe conheciam; apenas, ao confessar a sua inferioridade e os seus erros, a linguagem é mais séria e mais elevada do que dele se poderia esperar. Ele nos prova, uma vez mais, a penosa situação daqueles que na Terra se ligaram excessivamente à matéria. É assim que os próprios Espíritos inferiores, através do exemplo, nos dão muitas vezes preciosas lições de moral.

Texto 12: Os talismãs – medalha cabalística**Setembro/1858**

O Sr. M... havia comprado em segunda mão uma medalha que lhe pareceu notável por sua singularidade. Era do tamanho de um escudo de seis libras; tinha o aspecto da prata, embora um pouco acinzentada. Sobre ambas as faces estão gravadas, em baixo-relevo, uma porção de sinais, entre os quais se nota planetas, círculos entrelaçados, um triângulo, palavras ininteligíveis e iniciais em caracteres vulgares; depois, outros em caracteres bizarros, lembrando o árabe, tudo disposto de modo cabalístico, conforme o gênero utilizado pelos mágicos.

Tendo o Sr. M... interrogado a senhorita J..., médium-sonâmbula, a respeito dessa medalha, foi-lhe respondido que era composta de sete metais, havia pertencido a Cazotte e tinha o poder especial de atrair os Espíritos e facilitar as evocações. O Sr. De Caudemberg, autor de uma série de comunicações que, como médium, dizia ter recebido da Virgem Maria, disse-lhe que era uma coisa maléfica, destinada a atrair os demônios. A senhorita Guldenstubé, médium, irmã do barão de Guldenstubé, autor de uma obra sobre pneumatografia, ou escrita direta, garantiu que a medalha possuía uma virtude magnética e poderia provocar o sonambulismo.

Pouco satisfeito com essas respostas contraditórias, o Sr. M... apresentou-nos a medalha, pedindo nossa opinião pessoal a respeito e, ao mesmo tempo, solicitando interrogássemos um Espírito superior a propósito de seu real valor, do ponto de vista da influência que pudesse ter.

Eis a nossa resposta:

Os Espíritos são atraídos ou repelidos pelo pensamento, e não pelos objetos materiais, que nenhum poder exercem sobre eles. Em todos os tempos os Espíritos superiores têm condenado o emprego de sinais e de formas cabalísticas, de modo que todo Espírito que lhes atribuir uma virtude qualquer, ou que pretender oferecer talismãs como objeto de magia, por isso mesmo revelará a sua inferioridade, quer quando age de boa-fé e por ignorância, em consequência de antigos preconceitos terrestres de que ainda se acha imbuído, quer quando, como Espírito zombeteiro, se diverte conscientemente com a credulidade alheia. Quando não traduzem pura fantasia, os sinais cabalísticos são símbolos que lembram crenças supersticiosas na virtude de certas coisas, como os números, os planetas e sua concordância com os metais, crenças que foram geradas nos tempos da ignorância e que repousam sobre erros manifestos, aos quais a Ciência fez justiça, ao revelar o que existe sobre os pretensos sete planetas, os sete metais, etc. A forma mística e ininteligível desses emblemas tinha por objetivo a sua imposição ao vulgo, sempre inclinado a considerar maravilhoso tudo aquilo que é incapaz de compreender. Quem quer que tenha estudado racionalmente a natureza dos Espíritos não poderá admitir que, sobre eles, se exerça a influência de formas convencionais, nem de substâncias misturadas em certas proporções; seria renovar as práticas do caldeirão das feiticeiras, dos gatos negros, das galinhas pretas e de outros sortilégios. Não podemos dizer a mesma coisa de um objeto magnetizado que, como se sabe, tem o poder de provocar o sonambulismo ou certos fenômenos nervosos sobre o organismo.

Nesse caso, porém, a virtude do objeto reside unicamente no fluido de que se acha momentaneamente impregnado e que assim se transmite, por via mediata, e não em sua forma, em sua cor e nem, sobretudo, nos sinais de que possa estar sobrecarregado.

Um Espírito pode dizer: “Traçai tal sinal e, à vista dele, reconhecerei que me chamais, e virei”; nesse caso, todavia, o sinal traçado é apenas a expressão do pensamento; é uma evocação traduzida de modo material. Ora, os Espíritos, seja qual for a sua natureza, não necessitam de semelhantes artifícios para se comunicarem; os Espíritos superiores jamais os empregam; os inferiores podem fazê-lo visando fascinar a imaginação das pessoas crédulas que querem manter sob dependência.

Regra geral: para os Espíritos superiores a forma nada é; o pensamento é tudo. Todo Espírito que liga mais importância à forma do que ao fundo, é inferior e não merece nenhuma confiança, mesmo quando, vez por outra, diga algumas coisas boas, porquanto essas boas coisas frequentemente são um meio de sedução.

Tal era, de maneira geral, nosso pensamento a respeito dos talismãs, como meio de entrar em relação com os Espíritos. Evidentemente que se aplica também àqueles que a superstição emprega como preservativos de moléstias ou acidentes. Entretanto, para edificação do proprietário da medalha, e para um melhor aprofundamento da questão, na

sessão de 17 de julho de 1858 pedimos a São Luís, que conosco se comunica de bom grado sempre que se trata de nossa instrução, que nos desse sua opinião a respeito. Interrogado sobre o valor da medalha, eis qual foi sua resposta:

“Fazeis bem em não admitir que objetos materiais possam exercer qualquer influência sobre as manifestações, quer para as provocar, quer para as impedir. Temos dito com bastante frequência que as manifestações são espontâneas e que, além disso, jamais nos recusamos a atender ao vosso apelo. Por que pensais que sejamos obrigados a obedecer a uma coisa fabricada pelos seres humanos?”

P. – Com que finalidade foi feita essa medalha?

Resp. – Foi fabricada com o objetivo de chamar a atenção das pessoas que nela gostariam de crer; porém, apenas por magnetizadores poderá ter sido feita, com a intenção de magnetizar e adormecer um sensitivo. Os signos nada mais são que fantasia.

P. – Dizem que pertenceu a Cazotte; poderíamos evocá-lo, a fim de obtermos alguns ensinamentos a esse respeito?

Resp. – Não é necessário; ocupai-vos preferentemente de coisas mais sérias.

Texto 13: O mal do medo**Outubro/1858**

Lemos no Moniteur do dia 26 de novembro de 1857:

“Comunicam-nos o fato seguinte, que vem confirmar as observações que já fizeram sobre a influência do medo. Ontem o Dr. F... voltava para casa, após ter visitado alguns clientes. Numa dessas excursões haviam-lhe dado, como amostra, uma garrafa de excelente rum, vindo diretamente da Jamaica. O médico esqueceu no carro a preciosa garrafa. Lembrando-se algumas horas mais tarde, saiu para reavê-la; declarou ao chefe da estação que havia deixado em uma de suas carruagens uma garrafa de veneno muito violento e o exortou a prevenir os cocheiros para ficarem atentos e não fazerem uso daquele líquido mortal. Mal o Dr. ... entrara em seu apartamento, vieram preveni-lo a toda pressa de que três cocheiros da estação vizinha padeciam dores horríveis nas entranhas. Teve grande dificuldade para tranquilizá-los e persuadi-los de que haviam bebido excelente rum e que sua indelicadeza não poderia ter consequências mais graves do que uma severa suspensão, infligida de imediato aos culpados.”

1. – São Luís poderia dar-nos uma explicação fisiológica dessa transformação das propriedades de uma substância inofensiva? Sabemos, pela ação magnética, que essa transformação pode ocorrer; no fato relatado acima, porém, não houve emissão de fluido magnético: somente a imaginação agiu, e não a vontade.

Resp. – Vosso raciocínio é bastante justo no que diz respeito à imaginação. Mas os Espíritos malévolos que induziram aqueles homens a cometerem esse ato inconveniente, fizeram passar no sangue, na matéria, um arrepio de medo, que bem poderíeis chamar de arrepio magnético, o qual distende os nervos e produz uma sensação de frieza em certas regiões do corpo. Como sabeis, qualquer frio na região abdominal pode provocar cólicas.

É, pois, um meio de punição que diverte os Espíritos que fizeram cometer o furto e, ao mesmo tempo, os leva a rir à custa daqueles a quem fizeram pecar. Mas, em todos os casos, a morte não aconteceria: há somente uma lição para os culpados e divertimento para os Espíritos levianos. Repetem a mesma coisa toda vez que a ocasião se lhes apresenta, chegando mesmo a procurá-la para sua satisfação. Podemos evitar isso – falo para vós – elevando-nos a Deus através de pensamentos menos materiais do que os que ocupavam o Espírito daqueles homens. Os Espíritos malévolos adoram rir; acautelai-vos; aquele que julga dizer uma coisa agradável às pessoas que o cercam e diverte uma sociedade com suas brincadeiras ou atitudes, por vezes se engana, o que frequentemente acontece, quando pensa que tudo isso vem de si próprio. Os Espíritos levianos que o rodeiam com ele se identificam e pouco a pouco o enganam a respeito de seus próprios pensamentos, o mesmo sucedendo com aqueles que o ouvem. Neste caso, pensais estar tratando com um homem de espírito, quando não passa de um ignorante. Descei em vós mesmos e julgai minhas palavras. Nem por isso os Espíritos são inimigos da alegria: às vezes também gostam de rir para vos ser agradáveis; mas cada coisa tem seu tempo.

Observação de Kardec: Dizendo que não havia no fato relatado, emissão de fluido magnético, talvez não nos tivéssemos expressado com exatidão. Aqui arriscamos uma mera suposição. Como dissemos, sabe-se que espécie de transformação das propriedades da matéria pode ser operada pela ação do fluido magnético dirigido pelo pensamento. Ora, pelo pensamento do médico, que queria fazer acreditar na existência de um tóxico, provocando nos ladrões as angústias do envenenamento, não poderíamos admitir tivesse ocorrido, embora a distância, uma espécie de magnetização do líquido, o qual teria adquirido propriedades novas, cuja ação se encontraria corroborada pelo estado moral dos indivíduos, tornados mais impressionáveis pelo medo? Essa teoria não destruiria a de São Luís sobre a intervenção dos Espíritos levianos em semelhante circunstância; sabemos que os Espíritos agem fisicamente por meios físicos; podem, pois, com vistas a realizar certos desígnios, servir-se daqueles que eles mesmos provocam ou que nós próprios lhes fornecemos, sem disso nos darmos conta.

Texto 14: Assassinato de cinco crianças

Outubro/1858

Lemos na Gazette de Silésie:

“No dia 20 de outubro de 1857 escreveram-nos de Bolkenham que um crime apavorante acabara de ser cometido por um menino de doze anos. Domingo passado, 25 do mês, três filhos do Sr. Hubner, fabricante de pregos, e dois do Sr. Fritche, sapateiro, brincavam juntos no jardim deste último. O jovem H..., conhecido por seu mau caráter, associou-se aos seus folguedos e os persuadiu a entrarem num baú, guardado numa casinha do jardim, e que servia ao sapateiro para levar suas mercadorias até a feira. As cinco crianças mal cabiam ali dentro, mas se comprimiram e se acomodaram, aos risos, umas sobre as outras. Tão logo haviam entrado, o monstro fechou o baú, sentou-se em cima e ficou três quartos de hora a ouvir, primeiro os seus gritos, depois os seus gemidos. “Finalmente, quando cessaram os estertores e ele os supôs mortos, abriu o baú; as crianças ainda respiravam. Tornou a fechá-lo, aferrolhou-o e foi brincar com papagaio de papel. Foi visto por uma menina quando saía do jardim. Compreende-se a ansiedade dos pais quando se deram conta do desaparecimento dos filhos e seu desespero ao encontrá-los no baú, após demoradas buscas. Uma das crianças ainda vivia, porém não tardou a expirar.

Denunciado pela garota que o vira sair do jardim, o jovem H... confessou o crime com o maior sangue-frio e sem manifestar qualquer arrependimento. As cinco vítimas, um menino e quatro meninas de quatro a nove anos de idade, foram hoje sepultadas no mesmo local.”

Observação de Kardec: O Espírito interrogado é o da irmã do médium, morta aos doze anos, mas que, como Espírito, sempre mostrou superioridade.

1. Ouvistes o relato que acabamos de ler, do assassinato de cinco crianças, cometido na Silésia por um menino de doze anos?

Resp. – Sim; minha pena ainda exige que eu ouça as abominações da Terra.

2. Que motivo teria levado uma criança dessa idade a cometer uma ação tão atroz e com tanto sangue-frio?

Resp. – A maldade não tem idade; é ingênua na criança e raciocinada no homem adulto.

3. Quando a maldade existe numa criança que não raciocina, não denotará a encarnação de um Espírito muito inferior?

Resp. – Nesse caso, procede diretamente da perversidade do coração; é seu próprio Espírito que o domina e o impele à perversidade.

4. Qual poderia ter sido a existência anterior de semelhante Espírito?

Resp. – Horrível.

5. Em sua existência anterior ele pertencia à Terra ou a um mundo ainda mais atrasado?

Resp. – Não o vejo bem; contudo, devia pertencer a um orbe bem mais inferior do que a Terra: teve a ousadia de vir à Terra; por isso será duplamente punido.

6. Nessa idade tinha perfeita consciência do crime que cometia? Como Espírito, será responsabilizado por ele?

Resp. – Tinha a idade da consciência, e isso basta.

7. Visto que esse Espírito teve a ousadia de vir à Terra, que é muito elevada para ele, poderia ter sido constringido a regressar a um mundo condizente com a sua natureza?

Resp. – Sua punição é justamente retrogradar; é o próprio inferno. É a punição de Lúcifer, do homem espiritual rebaixado até a matéria, isto é, o véu que, doravante, lhe ocultará os dons de Deus e sua divina proteção. Esforçai-vos, pois, para reconquistar esses bens perdidos; tereis reconquistado o paraíso que o Cristo nos veio abrir. É a presunção, é o orgulho do homem que queria conquistar o que somente Deus podia ter.

Observação de Kardec: Uma observação é feita a propósito da palavra ousadia, de que se serviu o Espírito, bem como dos exemplos citados, que dizem respeito à situação dos Espíritos que se acharam em mundos muito elevados para eles, e que foram obrigados a regressar a outro mais compatível com a sua natureza. A tal respeito, uma pessoa observou ter sido dito que os Espíritos não podem regredir. Com efeito, os Espíritos realmente não podem retrogradar, no sentido de que não é possível perder o que adquiriram em ciência e em moralidade; mas podem decair em posição. Um homem



Estudo: Revista Espírita de Allan Kardec – Textos Seleccionados (parte I)

que usurpa uma posição superior à que lhe conferem suas capacidades ou sua fortuna pode ser constringido a abandoná-la e a voltar à sua posição natural; ora, não é a isso que se pode chamar decair, pois que ele apenas retorna à sua esfera, de onde havia saído por ambição e orgulho. Ocorre a mesma coisa em relação aos Espíritos que querem se elevar muito depressa em mundos onde se acham deslocados.

Os Espíritos superiores também podem encarnar em mundos inferiores, para cumprir uma missão de progresso, e a isso não se pode chamar de regressão, porque é devotamento.

Texto 15: Polêmica espírita**Novembro/1858**

Várias vezes já nos perguntaram por que não respondemos, em nosso jornal, aos ataques de certas folhas, dirigidos contra o Espiritismo em geral, contra seus partidários e, por vezes, contra nós. Acreditamos que o silêncio, em certos casos, é a melhor resposta. Aliás, há um gênero de polêmica do qual tomamos por norma nos abstermos: é aquela que pode degenerar em personalismo; não somente ela nos repugna, como nos tomaria um tempo que podemos empregar mais utilmente, o que seria muito pouco interessante para os nossos leitores, que assinam a revista para se instruírem, e não para ouvirem diatribes mais ou menos espirituosas. Ora, uma vez engajado nesse caminho, difícil seria dele sair, razão por que preferimos nele não entrar, com o que o Espiritismo só tem a ganhar em dignidade. Até agora só temos que aplaudir a nossa moderação, da qual não nos desviaremos, e jamais daremos satisfação aos amantes do escândalo.

Entretanto, há polêmica e polêmica; uma há, diante da qual jamais recuaremos: é a discussão séria dos princípios que professamos. Todavia, mesmo aqui há uma importante distinção a fazer; se se trata apenas de ataques gerais, dirigidos contra a Doutrina, sem um fim determinado, além do de criticar, e se partem de pessoas que rejeitam de antemão tudo quanto não compreendem, não merecem maior atenção; o terreno ganho diariamente pelo Espiritismo é uma resposta suficientemente peremptória e que lhes deve provar que seus sarcasmos não têm produzido grande efeito; também notamos que os gracejos intermináveis de que até pouco tempo eram vítimas os partidários da doutrina pouco a pouco se extinguem. Perguntamos se há motivos para rir quando vemos as ideias novas adotadas por tantas pessoas eminentes; alguns não riem senão com desprezo e pela força do hábito, enquanto muitos outros absolutamente não riem mais e esperam.

Notemos ainda que, entre os críticos, há muitas pessoas que falam sem conhecimento de causa, sem se darem ao trabalho de aprofundá-la. Para lhes responder seria necessário recomençar incessantemente as mais elementares explicações e repetir aquilo que já escrevemos, providência que julgamos inútil. Já o mesmo não acontece com os que estudaram e nem tudo compreenderam, com os que querem seriamente esclarecer-se e com os que levantam objeções de boa-fé e com conhecimento de causa; nesse terreno aceitamos a controvérsia, sem nos gabarmos de resolver todas as dificuldades, o que seria muita presunção de nossa parte. A ciência espírita dá os seus primeiros passos e ainda não nos revelou todos os seus segredos, por maiores sejam as maravilhas que nos tenha desvendado. Qual a ciência que não tem ainda fatos misteriosos e inexplicados? Confessamos, pois, sem nos envergonharmos, nossa insuficiência sobre todos os pontos que ainda não nos é possível explicar. Assim, longe de repelir as objeções e os questionamentos, nós os solicitamos, contanto que não sejam ociosos, nem nos façam perder o tempo com futilidade, pois que representam um meio de nos esclarecermos.

É a isso que chamamos polêmica útil, e o será sempre quando ocorrer entre pessoas sérias que se respeitam bastante para não se afastarem das conveniências. Podemos pensar de modo diverso sem, por isso, deixar de nos estimarmos. Afinal de contas, o que buscamos todos nessa tão palpitante e fecunda questão do Espiritismo? O nosso esclarecimento. Antes de mais, buscamos a luz, venha de onde vier; e, se externamos a nossa maneira de ver, trata-se apenas da nossa maneira de ver, e não de uma opinião pessoal que pretendamos impor aos outros; entregamo-la à discussão, estando prontos para a ela renunciar se demonstrarem que laboramos em erro. Essa polêmica nós a sustentamos todos os dias em nossa Revista, através das respostas ou das refutações coletivas que tivemos ocasião de apresentar, a propósito desse ou daquele artigo, e aqueles que nos honram com as suas cartas encontrarão sempre a resposta ao que nos perguntam, quando não a podemos dar individualmente por escrito, uma vez que nosso tempo material nem sempre o permite. Suas perguntas e objeções igualmente são objeto de estudos, de que nos servimos pessoalmente, sentindo-nos felizes por fazer com que nossos leitores os aproveitem, tratando-os à medida que as circunstâncias apresentam os fatos que possam ter relação com eles. Também sentimos prazer em dar explicações verbais às pessoas que nos honram com a sua visita e nas conferências assinaladas por recíproca benevolência, nas quais nos esclarecemos mutuamente.



Texto 16: Sobre o suicídio**Novembro/1858**

1. Por que o homem, que tem a firme intenção de se destruir, revoltar-se-ia à ideia de ser morto por um outro e se defenderia contra os ataques, no mesmo instante em que vai cumprir seu desígnio?

Resp. – Porque o homem tem sempre medo da morte; quando se suicida, está superexcitado, tem a cabeça transtornada e realiza esse ato sem coragem nem temor e, por assim dizer, sem ter a consciência do que faz, enquanto que, se pudesse escolher, não veríeis tantos suicidas. O instinto do homem o leva a defender a própria vida e, durante o tempo que medeia entre o instante em que seu semelhante se aproxima para o matar e aquele em que o ato é cometido, há sempre um movimento de repulsão instintiva da morte que o leva a repelir esse fantasma, que não é apavorante senão para o Espírito culpado. O homem que se suicida não experimenta esse sentimento, porque está cercado de Espíritos que o impelem, que o auxiliam em seus desejos e lhe fazem perder completamente a lembrança do que não seja ele mesmo, isto é, dos pais e daqueles que o amam, bem como de uma outra existência. Nesse momento o homem é todo egoísmo.

2. Aquele que, desgostoso da vida, embora não querendo suicidar-se, deseja que sua morte sirva para alguma coisa, é culpável de a buscar no campo de batalha ao defender seu país?

Resp. – Sempre. O homem deve seguir o impulso que lhe é dado; qualquer que seja a carreira que abrace, seja qual for a vida que leve, é sempre assistido por Espíritos que o conduzem e dirigem, mau grado seu. Ora, intentar contra seus conselhos é um crime, visto estarem ali para nos dirigir e, quando queremos atuar de moto próprio, para nos auxiliar. Entretanto, se o homem, arrastado por seu próprio Espírito, quer deixar esta vida, logo é abandonado, reconhecendo mais tarde sua falta, ao ver-se obrigado a recomeçar outra existência. Para elevar-se, deve o homem ser provado; conter suas atitudes, pôr um entrave em seu livre-arbítrio seria ir contra Deus, e as provas, nesse caso, tornar-se-iam inúteis, porque os Espíritos não cometeriam faltas. O Espírito foi criado simples e ignorante. Para chegar às esferas felizes é preciso, pois, que progrida, eleve-se em ciência e em sabedoria, não sendo senão na adversidade que adquire um coração elevado e melhor compreende a grandeza de Deus.

3. Um dos assistentes observou que parece ter havido uma contradição entre essas derradeiras palavras de São Luís e as precedentes, quando ele disse que o homem pode ser impelido ao suicídio por certos Espíritos que a isto o excitam. Neste caso, cederia a um impulso que lhe seria estranho.

Resp. – Não há contradição alguma. Quando disse que o homem impelido ao suicídio estava cercado de Espíritos que a isto o solicitavam, não me referia aos Espíritos bons, que fazem todos os esforços para o demover dessa ideia; isto deveria estar subentendido. Todos sabemos que possuímos um anjo guardião, ou, se quiserdes, um guia familiar. Ora, tem o homem o seu livre-arbítrio; se, apesar dos conselhos que lhe são dados, persevera nesta ideia criminosa, ele a realiza e, para isso, é auxiliado pelos Espíritos levianos e impuros que o cercam e que se sentem felizes, por ver que ao homem, ou Espírito encarnado, falta coragem para seguir os conselhos de seu bom guia e, muitas vezes, dos Espíritos de parentes mortos que o envolvem, sobretudo, em semelhantes circunstâncias.

Texto 17: Os agêneres**Fevereiro/1859**

Já nos referimos diversas vezes à teoria das aparições. Todos sabem que, no número das manifestações mais extraordinárias produzidas pelo Sr. Home estava a aparição demãos, perfeitamente tangíveis, que cada um podia ver e apalpar, que pressionavam e apertavam mas que, de repente, não ofereciam senão o vazio quando queriam pegá-las de surpresa. Eis aí um fato positivo, que se produziu em diversas circunstâncias, atestado por numerosas testemunhas oculares. Nessas mãos havia carne, pele, ossos, unhas reais? Não, evidentemente; era apenas uma aparência, mas de tal

ordem que produzia o efeito de uma realidade. Se um Espírito tem o poder de tornar visível e palpável uma parte qualquer de seu corpo etéreo, não há razão para que não o possa fazer com os outros órgãos. Suponhamos que um Espírito estenda essa aparência a todas as partes do corpo: teremos, então, a impressão de ver um ser semelhante a nós, agindo como nós, quando não passa de um vapor momentaneamente solidificado. A duração dessa aparência está submetida a condições que nos são desconhecidas; depende, sem dúvida, da vontade do Espírito, que a pode produzir ou fazê-la cessar à vontade, embora dentro de certos limites, que nem sempre tem liberdade de transpor.

Interrogados a respeito, bem como sobre todas as intermitências de quaisquer manifestações, os Espíritos sempre disseram que agiam em virtude de uma permissão superior. Se, para certos Espíritos, é limitada a duração da aparência corporal, podemos dizer que, em princípio, ela é variável, podendo persistir mais ou menos tempo; pode produzir-se a qualquer tempo e a toda hora. Um Espírito cujo corpo fosse assim visível e palpável teria, para nós, toda a aparência de um ser humano; poderia conversar conosco e sentar-se em nosso lar qual se fora uma pessoa qualquer, pois o tomaríamos como um de nossos semelhantes.

Questionado sobre esse ponto, um Espírito superior respondeu que realmente podemos encontrar seres dessa natureza, sem que o suspeitemos; acrescentou que isso é raro, mas possível. Como, para nos entendermos, precisamos dar um nome para cada coisa, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas os chama agêneres, assim indicando que sua origem não é resultado de uma geração.

O fato a seguir, que se passou ultimamente em Paris, parece pertencer a esta categoria: Uma pobre mulher estava na igreja de São Roque e rogava a Deus que a auxiliasse em sua aflição. À saída, na rua Saint-Honoré, encontra um senhor que a aborda e lhe diz: “Boa mulher, ficáreis contente se arranjasses trabalho?” – “Ah! meu bom senhor” – responde ela – “peço a Deus que me conceda esse favor, porque estou muito necessitada.” – “Pois bem! Ide a tal rua, número tanto. Procurai a senhora T...: ela vos dará trabalho.” Então continuou seu caminho. A pobre mulher dirigiu-se sem demora ao endereço indicado. – “Com efeito, tenho um trabalho para mandar fazer” – diz a senhora em questão – “mas como não o dissera a ninguém, como pôde a senhora vir me procurar?” Então a pobre indigente, avistando um retrato suspenso à parede, respondeu: – “Senhora, foi esse cavalheiro que me enviou aqui.” – “Esse cavalheiro!” – replicou espantada a senhora – “Mas isso não é possível; este é o retrato de meu filho, morto há três anos.” – “Não sei como pode ser isto, mas vos asseguro que foi esse senhor que acabei de encontrar ao sair da igreja, onde tinha ido pedir a Deus que me assistisse. Ele me abordou e foi ele mesmo que me mandou aqui.”

Conforme o que acabamos de ver, nada haveria de surpreendente em que o Espírito do filho daquela senhora, a fim de prestar um serviço à pobre mulher, da qual sem dúvida ouvira apreço, lhe tivesse aparecido sob a forma corpórea para indicar-lhe o endereço da própria mãe. Em que se transformou depois? Sem dúvida no que era antes: um Espírito, a menos que, continuando seu passeio, tenha julgado conveniente mostrar-se a outras pessoas sob a mesma aparência. Essa mulher teria, assim, encontrado umagêner, com o qual havia conversado. Mas, então – dirão – por que não se teria apresentado à sua mãe? Nessas circunstâncias os motivos determinantes dos Espíritos nos são completamente desconhecidos. Agem como bem lhes pareça, ou melhor, como disseram, em virtude de uma permissão sem a qual não podem revelar sua existência de modo material. Compreende-se, ademais, que sua visão poderia causar à mãe perigosa emoção. E quem sabe se não se apresentou a ela durante o sono ou de qualquer outro modo? E, aliás, não terá sido um meio de lhe revelar sua existência? É muito provável que tenha testemunhado aquela conversa entre as duassenhoras.

Texto 18: Espíritos barulhentos: Como livrar-se deles
Fevereiro/1859

Escrevem-nos de Gramat (Lot):

“Numa casa da aldeia de Coujet, comuna de Bastat(Lot), ruídos extraordinários são ouvidos há cerca de dois meses. A princípio eram golpes secos e muito semelhantes ao choque de uma clava no assoalho, ouvidos de todos os lados: sob os pés, sobrea cabeça, nas portas, nos móveis; logo depois as passadas de um homem descalço e o tamborilar de dedos nas vidraças. Os moradores da casa ficaram amedrontados e mandaram rezar missas; a população, inquieta, se dirigia à aldeia e ouvia. A polícia interveio e realizou vários inquéritos mas o barulho aumentou. Em breve as portas eram abertas, os objetos derrubados, as cadeiras arremessadas contra a escada, os móveis transportados do andar inferior para o sótão. Tudo quanto relato, atestado por grande número de pessoas, se passou em pleno dia. A casa não é um casebre antigo, sombrio e enegrecido, cujo aspecto faz sonhar com fantasmas; trata-se de uma casa recentemente construída e risonha; os proprietários são boas pessoas, incapazes de querer enganar e morrem de medo. Entretanto, muitas vezes pensam que ali nada existe de sobrenatural, procurando explicar, tudo quanto se passa de extraordinário, pela física ou pelas más intenções, que atribuem aos moradores da casa. Eu, que vi e acreditei, resolvi dirigir-me avós para saber quais são os Espíritos que fazem esse barulho e conhecer o meio, caso exista, de os silenciar. É um serviço que prestaríeis a essa boa gente, etc...”

Os fatos dessa natureza não são raros; todos se assemelham mais ou menos e em geral não diferem senão pela intensidade ou pela maior ou menor tenacidade. Quando se limitam a alguns ruídos sem maior consequência não causam inquietação, mas quando adquirem certa proporção transformam-se em verdadeira calamidade. Pergunta nosso honrado correspondente quais são os Espíritos que fazem esse barulho. A resposta não deixa dúvida: os Espíritos de ordem muito inferior são os únicos culpados. Os Espíritos superiores, assim como entrenós os homens graves e sérios, não se divertem em fazer algazarra. Muitas vezes os chamamos para perguntar-lhes a razão que assim os impele a perturbar o repouso alheio. A maioria não tem outro objetivo senão divertir-se. São antes Espíritos levianos do que maus, que sorriem dos temores que ocasionam e das pesquisas inúteis que são feitas para descobrir a causa do tumulto que provocam. Frequentemente se obstinam junto a um indivíduo, comprazendo-se em o vexar e perseguindo-o de casa em casa; de outras vezes se vinculam a um lugar sem qualquer motivo, a não ser por capricho. Por vezes também é uma vingança que exercem, como teremos ocasião de ver. Em certos casos sua intenção é mais louvável: querem chamar a atenção e estabelecer contato, seja para dar um aviso útil à pessoa a quem se dirigem, seja para solicitar algo para si mesmos. Muitas vezes presenciamos alguns deles a pedir preces, outros a solicitar o cumprimento, em seu nome, de promessas que não puderam pagar; e, finalmente, no interesse de seu próprio repouso, outros querendo reparar uma ação má, cometida quando viviam entre nós.

Em geral não há razão para nos amedrontarmos; sua presença pode ser importuna mas não oferece perigo. Compreende-se, aliás, que tenhamos desejo de nos desembaraçarmos deles; todavia, fazemos exatamente o contrário do que deveríamos fazer. Se são Espíritos que se divertem, quanto mais levamos a coisa a sério, mais eles persistem, como crianças travessas que incomodam tanto mais quanto mais veem que nos impacientamos, e quem tem medo nos pusilânimes. Se tomássemos o sábio partido derir de suas traquinadas, acabariam por se cansar e nos deixariam em paz. Conhecemos alguém que, longe de se irritar, os excitava, desafiando-os a fazer tal ou qual coisa, de modo que ao fim de alguns dias eles não mais apareceram. Porém, como já havíamos dito, existem outros cujo motivo é menos frívolo. Eis por que é sempre útil saber o que eles querem. Se pedem alguma coisa, estejamos certos de que suas visitas cessarão assim que seu desejo for satisfeito. A melhor maneira de nos instruímos a esse respeito é evocar o Espírito através de um bom médium escrevente. Por suas respostas veremos imediatamente com quem estamos lidando e, em consequência, como poderemos agir; se é um Espírito infeliz, manda a caridade que o tratemos com os cuidados que merece. Se for um brincalhão de mau gosto, poderemos agir sobre ele à vontade; se for malévolo, é preciso pedir a Deus que o torne melhor. Em todo caso, a prece só poderá dar bons resultados. Entretanto, a gravidade das fórmulas de exorcismo os faz rir e não são levadas em nenhuma consideração. Se pudermos entrar em comunicação com eles, precisamos desconfiar das qualificações burlescas ou assustadoras que se dão algumas vezes, a fim de se divertirem com a nossa credulidade.

Em muitos casos a dificuldade consiste em ter um médium à disposição. É preciso, então, que procuremos nos tornar um deles ou interrogar o Espírito diretamente, de acordo com os preceitos que oferecemos em nossas *Instruções Práticas sobre as Manifestações*.

Esses fenômenos, embora executados por Espíritos inferiores, muitas vezes são provocados por Espíritos de ordem mais elevada, com o fim de nos convencer da existência de seres incorpóreos e de um poder superior ao do homem. A repercussão daí resultante, o próprio medo que causam chamam atenção e terminarão por abrir os olhos dos mais incrédulos. Estes últimos acham mais fácil reduzir tais fenômenos ao plano da imaginação, explicação aliás muito cômoda e que dispensa outras. Entretanto, quando os objetos são revirados ou atirados à nossa cabeça seria necessária uma imaginação muito complacente para se supor que tais coisas acontecessem, quando de fato não acontecem. Se observamos um efeito qualquer, esse efeito necessariamente tem uma causa. Se uma fria e calma observação nos demonstra que esse efeito independe de toda vontade humana e de qualquer causa material; se, além disso, dá-nos sinaisevidentesde inteligência e delivre vontade, o que constitui o sinal mais característico, somos então forçados a atribuí-lo a uma inteligência oculta. Quais são esses seres misteriosos? É o que os estudos espíritas nos ensinam da maneira mais peremptória, pelo meio que nos oferece de com eles entrarmos em comunicação. Além disso, esses estudos nos ensinam a separar o que é real daquilo que é falso ou exagerado, nos fenômenos cujas causas não percebemos. Se se produz um efeito insólito: ruído, movimento, a própria aparição, o primeiro pensamento que devemos ter é que se deva a uma causa natural, por ser a mais provável. É preciso então pesquisar essa causa com maior cuidado e não admitir a intervenção dos Espíritos senão com conhecimento de causa. É o único meio de não nos iludirmos.

Texto 19: Os canibais**abril/1859**

Um de nossos assinantes dirigiu-nos a seguinte pergunta, rogando-nos que fosse respondida pelos Espíritos que nos assistem, caso ainda não a tivesse sido:

“Os Espíritos errantes, depois de um lapso de tempo mais ou menos longo, desejam e pedem a Deus a reencarnação como meio de progresso espiritual. Escolhem as provas e, usando o livre-arbítrio, elegem naturalmente aquelas que lhes parecem mais apropriadas a esse progresso, no mundo onde a reencarnação lhes é permitida. Ora, durante sua existência errante, que empregam em instruir-se (são eles que nos dizem), ficam sabendo quais as nações que melhor podem fazê-los atingir o fim a que se propõem. Veem populações ferozes, antropófagas e têm a certeza de que, nelas encarnando, tornar-se-ão ferozes e comedores de carne humana. Seguramente não é nesse meio que haverão de realizar o progresso espiritual; seus instintos brutais apenas terão adquirido mais consistência pela força do hábito. Eis então prejudicado o seu objetivo, quanto à escolha das encarnações entre tal ou qual povo.

O mesmo acontece com certas posições sociais. Entre estas, certamente há as que apresentam obstáculos invencíveis ao progresso espiritual. Citarei apenas os magarefes nos matadouros, os carrascos, etc. Dizem que tais criaturas são necessárias: umas, porque não podemos passar sem alimentação animal; outras, porque é preciso executar as decisões da justiça, requeridas pela nossa organização social. Não é menos verdade que, reencarnando no corpo de uma criança destinada a abraçar uma ou outra dessas profissões, deve o Espírito saber que envereda por caminho errado e que se priva voluntariamente dos meios que o podem conduzir à perfeição. Não poderia acontecer, com a permissão de Deus, que nenhum Espírito quisesse esses gêneros de existência e, nesse caso, qual a necessidade dessas profissões em nosso estado social?”

A resposta a essa questão decorre de todos os ensinamentos que nos têm sido dados. Podemos, pois, respondê-la, sem ter que submetê-la novamente aos Espíritos.

É evidente que um Espírito já elevado, por exemplo, o de um europeu esclarecido, não poderá escolher como meio de progresso uma existência selvagem: em vez de avançar, retrogradaria. Mas sabemos que nossos próprios antropófagos não se encontram no último degrau da escala e que há mundos onde o embrutecimento e a ferocidade não têm analogia na Terra. Esses Espíritos ainda são inferiores aos mais atrasados Espíritos de nosso mundo e, renascer entre nossos selvagens é, para eles, um progresso. Se não visam mais alto, é que sua inferioridade moral não lhes permite compreender um progresso mais completo. O Espírito não pode avançar senão gradualmente; deve passar sucessivamente por todos os graus, de forma que cada passo à frente seja uma base para assentar um novo progresso. Ele não pode transpor de um salto a distância que separa a barbárie da civilização, como o escolar não pode ser promovido, sem transição, do á-bê-cê à retórica. É nisso que vemos uma das necessidades da reencarnação, que está verdadeiramente conforme à justiça de Deus. Não fora assim, em que se transformariam esses milhões de seres que morrem no último estado de degradação, caso não tivessem meios de atingir a superioridade? Por que os teria Deus deserdado dos favores concedidos aos outros homens? Nós o repetimos, por ser um ponto essencial: em razão de sua inteligência limitada, não compreendem o que é melhor senão do seu ponto de vista e dentro de estreitos limites. Há, entretanto, alguns que se transviam por quererem subir muito alto, e que nos oferecem o triste espetáculo da ferocidade no meio da civilização. Estes, voltando entre os canibais, lucrarão ainda.

Essas considerações também se aplicam às profissões de que fala o nosso correspondente. É evidente que oferecem superioridade relativa para certos Espíritos e não é nesse sentido que se deve compreender a escolha que farão. Pelo mesmo motivo, elas podem ser escolhidas como expiação ou como missão, porquanto nenhuma existe na qual não se possa encontrar oportunidade de fazer o bem e de progredir, pela própria maneira com que são exercidas.

Quanto à questão de saber em que se tornariam essas profissões, caso nenhum Espírito as quisesse abraçar, está respondida pelos fatos. Desde que os Espíritos que as alimentam procedem de mais baixo, não se deve temer o desemprego. Quando o progresso social permitir a supressão do ofício de carrasco, desaparecerá essa classe e não os candidatos, que se irão apresentar entre outros povos ou em outros mundos menos adiantados.

Texto 20: Ligação entre Espírito e corpo**Maio/1859**

Uma de nossas amigas, a Sra. Schutz, que pertence a este mundo e que parece não querer deixá-lo tão cedo, havendo sido evocada durante o sono, mais de uma vez deu-nos a prova da perspicácia de seu Espírito em tal estado. Um dia, ou melhor, uma noite, depois de uma longa conversa, disse: “Estou fatigada; tenho necessidade de repouso; estou quase a dormir, meu corpo precisa descansar.”

Diante disso, fiz-lhe notar o seguinte: “Vosso corpo pode repousar; falando-vos, eu não o prejudico; é vosso Espírito que está aqui e não o vosso corpo. Podeis, pois, entreter-vos comigo, sem que o corpo sofra.”

Ela respondeu: “Enganai-vos, pensando assim; meu Espírito se destaca um pouco de meu corpo, tal como se fora um balão cativo retido por cordas. Quando o balão é agitado pelo vento, o poste que o mantém cativo ressentido-se dos abalos transmitidos pelas amarras. Meu corpo representa o papel de poste para o meu Espírito, com a diferença de que experimenta sensações desconhecidas do poste e que tais sensações fatigam bastante o cérebro. Eis por que o meu corpo, assim como o Espírito, necessita de repouso.”

Conforme nos declarou aquela senhora, durante a vigília jamais havia pensado em tal explicação, o que vem mostrar perfeitamente as relações existentes entre o corpo e o Espírito, enquanto este último desfruta uma parte de sua liberdade. Sabíamos perfeitamente que a separação absoluta só ocorre depois da morte e, até mesmo, algum tempo depois. Jamais, porém, essa ligação nos havia sido descrita por uma imagem tão clara e tão interessante. Por isso felicitamos sinceramente aquela senhora por haver tão bem demonstrado as suas faculdades espirituais enquanto dormia.

Entretanto, para nós isto não passava de uma comparação engenhosa; ultimamente, porém, a imagem tomou proporções de realidade.

O Sr. R., antigo ministro-residente dos Estados Unidos junto ao rei de Nápoles, homem muito esclarecido sobre o Espiritismo, fazendo-nos uma visita perguntou-nos se, nos fenômenos de aparição, já tínhamos observado uma particularidade distintiva entre o Espírito de uma pessoa viva e o de um morto. Numa palavra, se teríamos um meio seguro de reconhecer se a pessoa está morta ou viva quando um Espírito aparece espontaneamente, em vigília ou durante o sono. Ao responder-lhe que não tínhamos outro meio senão perguntando ao Espírito, disse-nos que conhecia, na Inglaterra, um médium vidente dotado de grande poder que, toda vez que se lhe apresentava o Espírito de uma pessoa viva, notava um rastro luminoso que partia do peito e atravessava o espaço, sem ser interrompido por nenhum obstáculo material, indo terminar no corpo. Era uma espécie de cordão umbilical que unia as duas partes momentaneamente separadas do ser vivo. Nunca o observou quando a vida corporal já se havia extinguido e era por esse sinal que reconhecia se o Espírito pertencia a uma pessoa morta ou a alguém que ainda vivia.

A comparação da Sra. Schutz nos veio à mente e encontramos a sua confirmação no fato que acabamos de relatar. Faremos, todavia, uma observação a respeito.

Sabe-se que no momento da morte a separação não é brusca; o perispírito se desprende pouco a pouco e, enquanto dura a perturbação, conserva uma certa afinidade com o corpo. Não seria possível que o laço observado pelo médium vidente, de que acabamos de falar, persistisse ainda quando o Espírito aparece, no exato momento da morte, ou poucos instantes depois, como acontece tantas vezes? Nesse caso, a presença do cordão não seria um indicativo de que a pessoa estivesse viva. O Sr. R... não soube dizer se o médium teria feito essa observação. Em todo caso, ela não é menos importante e lança uma nova luz sobre aquilo que podemos chamar de fisiologia dos Espíritos.

Texto 21: Cenas da vida particular espírita

Maio/1859

Um de nossos amigos, após longas experiências infrutíferas, das quais triunfou a sua paciência, de repente tornou-se excelente médium escrevente e audiente. Certa vez ele estava ocupado a psicografar com outro médium, seu amigo, quando, a uma pergunta dirigida a um Espírito, obteve resposta bastante estranha e pouco séria, na qual não reconhecia o caráter do Espírito evocado. Tendo interpelado o autor da resposta, depois de o haver intimado em nome de Deus para se dar a conhecer, aquele assinou Pierre Le Flamand, nome completamente desconhecido do médium. Estabeleceu-se, então, entre ambos, e mais tarde entre nós e esse Espírito, uma série de conversas que passaremos a relatar.

1. Quem és? Não conheço ninguém com esse nome.

Resp. – Um de teus antigos camaradas de colégio.

2. Não tenho a menor lembrança.

Resp. – Lembra-te da surra que um dia levaste?

3. É possível; entre escolares isso acontece algumas vezes. Realmente, lembro-me de algo assim, mas também me recordo de ter pago com a mesma moeda.

Resp. – Era eu; mas não te quero mal.

4. Obrigado. Tanto quanto me recordo, tu eras um biltre bastante mau.

Resp. – Eis tua memória que volta. Enquanto vivi não mudei. Eu tinha a cabeça dura, mas no fundo não era mau; batia-me com o primeiro que aparecesse: em mim isso era uma necessidade. Depois, ao dar as costas, já não pensava em nada.

5. Quando e com que idade morreste?

Resp. – Há quinze anos; eu tinha cerca de vinte anos.

6. De que faleceste?

Resp. – Uma leviandade de rapaz... consequência de minha falta de juízo...

7. Ainda tens família?

Resp. – Perdi meus pais há muito tempo; morava com um tio, meu único parente...; se fores a Cambrai promete procurá-lo; é um bravo homem, a quem muito aprecio, embora me tenha tratado duramente; mas eu o merecia.

8. Ele tem o teu mesmo nome?

Resp. – Não; em Cambrai não há mais ninguém com o meu nome; ele se chama W...; mora na rua... no...; verás que sou eu mesmo que te falo.

Observação de Kardec – O fato foi verificado pelo próprio médium numa viagem que empreendeu algum tempo depois. Encontrou o Sr. W... no endereço indicado; disse-lhe este que realmente havia tido um sobrinho com esse nome, bastante estouvado e inconveniente, falecido em 1844, pouco tempo depois de ter sido sorteado para o serviço militar. Esta circunstância não havia sido indicada pelo Espírito; mais tarde ele o fez espontaneamente. Veremos em que ocasião.

9. Por obra de que acaso vieste à minha casa?

Resp. – Por acaso, se quiseres; creio, porém, que foi o meu bom gênio que me impeliu a ti, por me parecer que só teremos a ganhar com o restabelecimento de nossas relações... Eu estava aqui ao lado, na casa do teu vizinho, ocupado em olhar os quadros... nada de retratos de igreja...; de repente eu te avistei e vim. Percebi que estavas ocupado, a conversar com outro Espírito, e quis intrometer-me na conversa.

10. Mas por que respondeste às perguntas que eu fazia a outro Espírito? Isso não parece provir de um bom camarada.

Resp. – Encontrava-me na presença de um Espírito sério e que não parecia disposto a responder; respondendo em seu lugar, eu imaginava que ele soltasse a língua, mas não tive êxito. Não dizendo a verdade, eu queria obrigá-lo a falar.

11. Isto não é certo, pois poderia ter resultado em coisas desagradáveis, caso eu não tivesse percebido o embuste.

Resp. – Haverias de o saber sempre, mais cedo ou mais tarde.

12. Dize-me mais ou menos como entraste aqui.

Resp. – Bela pergunta! Acaso temos necessidade de puxar o cordão da campainha?

13. Podes, então, ir a toda parte, entrar em qualquer lugar?

Resp. – Claro!... E sem me fazer anunciar! Não somos Espíritos a troco de nada.

14. Entretanto eu julgava que certos Espíritos não tivessem o poder de penetrar em todas as reuniões.

Resp. – Acreditas, por acaso, que teu quarto é um santuário e que eu seja indigno de nele penetrar?

15. Responde com seriedade à minha pergunta e deixa de lado as graçolas de mau gosto. Vês que não tenho humor para suportá-las e que os Espíritos mistificadores são mal recebidos em minha casa.

Resp. – É verdade que há reuniões onde Espíritos tratantes, como nós outros, não podem entrar; mas são os Espíritos superiores que nos impedem e não os homens. Aliás, quando vamos a algum lugar, sabemos muito bem manter-nos calados e afastados, se necessário. Escutamos e, quando nos aborrecemos, vamo-nos embora... Ah!... sim! Parece que não estás satisfeito com a minha visita.

16. É que não recebo de bom grado o primeiro que aparece e, francamente, não fiquei satisfeito por vires perturbar uma conversa séria.

Resp. – Não te zangues..., não desejo perturbar-te... sou sempre um bom rapaz...; de outra vez far-me-ei anunciar.

17. Lá se vão quinze anos que estás morto...

Resp. – Entendamo-nos. Quem está morto é meu corpo; mas eu, que te falo, não estou morto.

Observação de Kardec – Muitas vezes, mesmo entre os Espíritos levianos e brincalhões, encontram-se palavras de grande profundidade. Esseeu que não está morto é absolutamente filosófico.

18. É bem assim que compreendo. A propósito, conta-me uma coisa: tal como agora te encontras, podes ver-me com tanta clareza como se estivesses em teu corpo?

Resp. – Vejo-te ainda melhor; eu era míope; foi por isso que quis me livrar do serviço militar.

19. Lá se vão, dizia eu, quinze anos que estás morto e me pareces tão estouvado quanto antes; não avançaste, pois?

Resp. – Sou o que era antes: nem melhor, nem pior.

20. Como passas o tempo?

Resp. – Não tenho outras ocupações, a não ser divertir-me e informar-me dos acontecimentos que podem influenciar o meu destino. Vejo muito. Passo parte do tempo ora em casa de amigos, ora no teatro... Por vezes surpreendo coisas muito engraçadas... Se as pessoas soubessem que têm testemunhas quando pensam estar sós!... Enfim, procedo de maneira que o tempo me seja o menos pesado possível... Dizer quanto tempo isso haverá de durar, eu não o saberia e, entretanto, há algum tempo que vivo assim... Tens explicações convincentes para isso?

21. Em suma, és mais feliz do que eras quando estavas vivo?

Resp. – Não.

22. O que te falta? Não tens necessidade de coisa alguma; não sofres mais; não temes ser arruinado; vais a toda parte e tudo vês; não temes as preocupações, nem as doenças, nem as enfermidades da velhice. Não será isto uma existência feliz?

Resp. – Falta-me a realidade dos prazeres; não sou bastante evoluído para fruir uma felicidade moral; Desejo tudo que vejo, e é isso que me tortura; aborreço-me e procuro matar o tempo como posso!... Mas, até quando?... Experimento um mal-estar que não posso definir...; preferia sofrer as misérias da vida a esta ansiedade que me oprime.

Observação de Kardec – Não está aqui um quadro eloquente dos sofrimentos morais dos Espíritos inferiores? Invejar tudo quanto veem; ter os mesmos desejos e realmente nada desfrutar, deve ser verdadeira tortura.

23. Disseste que ias ver os amigos; não será uma distração?

Resp. – Meus amigos não percebem que estou com eles; aliás, nem mesmo pensam em mim. Isso me faz mal.

24. Não tens amigos entre os Espíritos?

Resp. – Estouvados e tratantes como eu, que como eu se aborrecem. Sua companhia não é muito agradável; aqueles que são felizes e raciocinam afastam-se de mim.

25. Pobre rapaz! Eu te lamento e, se te pudesse ser útil, o faria com prazer.

Resp. – Se soubesses o quanto essas palavras me fazem bem! É a primeira vez que as ouço.

26. Não poderias encontrar ocasião de ver e ouvir coisas boas e úteis que contribuiriam para o teu progresso?

Resp. – Sim, mas para isso é necessário que eu saiba aproveitar as lições. Confesso que prefiro assistir às cenas de amor e de deboche, que não têm influenciado o meu Espírito para o bem. Antes de entrar em tua casa, lá me achava a considerar quadros que despertavam em mim certas ideias...; mas, deixemos isso de lado... No entanto eu soube resistir à vontade de pedir para reencarnar, a fim de desfrutar os prazeres de que tanto abusei. Vejo, agora, quanto teria errado. Vindo à tua casa, sinto que fiz bem.

27. Muito bem! Espero, futuramente, que me dês o prazer, caso queiras a minha amizade, de não mais concentrar a atenção nesses quadros que podem despertar más ideias e que, ao contrário, possas pensar naquilo que aqui ouvirás de bom e de útil para ti. Tu te sentirás bem, podes crer.

Resp. – Se esse é o teu pensamento, também será o meu.

28. Quando vais ao teatro experimentas as mesmas emoções que sentias quando vivo?

Resp. – Várias emoções diferentes; a princípio, aquelas; depois me misturo nas conversas... e escuto coisas singulares.

29. Qual o teu teatro predileto?

Resp. – “LesVariétés”. Muitas vezes acontece que eu os veja todos na mesma noite. Também vou aos bailes e às reuniões onde há divertimento.

30. De modo que, enquanto te divertes, te instruis, visto ser impossível observar bastante na tua posição.

Resp. – Sim, mas o que mais aprecio são certos colóquios. É realmente curioso ver a manobra de algumas criaturas, sobretudo das que ainda querem passar por jovens. Em toda essa lengalenga ninguém diz a verdade: assim como o rosto, o coração se maquia, de modo que ninguém se entende. Acerca disso realizei um estudo dos costumes.

31. Pois bem! Não vês que poderíamos ter boas conversas, como esta, da qual ambos podemos tirar proveito?

Resp. – Sempre; como dizes, a princípio para ti; depois, para mim. Tens ocupações necessárias ao teu corpo; quanto a mim, posso dar todos os passos possíveis para instruir-me sem prejudicar a minha existência.

32. Já que é assim, continuarás as tuas observações ou, como dizes, teus estudos sobre os costumes; até o momento não os aproveitaste muito. É preciso que eles sirvam ao teu esclarecimento e, para isso, é necessário que o faças com um objetivo sério, e não como diversão e para matar o tempo. Dirás o que viste: raciocinaremos e tiraremos as conclusões para a nossa mútua instrução.

Resp. – Será realmente bastante interessante. Sim, com certeza estou a teu serviço.

33. Não é tudo. Gostaria de proporcionar-te ocasião para praticares uma boa ação. Queres?

Resp. – De todo o coração! Dir-se-á que poderei servir para alguma coisa. Fala-me logo o que é preciso que eu faça.

34. Nada de pressa! Não confio missões tão delicadas assim àqueles a quem não tenho confiança. Tens boa vontade, não há dúvida; mas terás a perseverança necessária? Eis a questão. É preciso, pois, que eu te ensine a te conheceres melhor, para saber de que és capaz e até que ponto posso contar contigo. Conversaremos sobre isso uma outra vez.

Texto 22: Papel dos Espíritos nos fenômenos naturais

Setembro/1859

(Sociedade, 22 de julho de 1859)

1. [A Fr. Arago] – Disseram-nos que a tempestade de Solferino tivera um objetivo providencial e nos assinalaram vários fatos desse gênero, especialmente em fevereiro e junho de 1848. Durante os combates tinham essas tempestades um fim análogo?

Resp. – Quase todas.

2. Interrogado a respeito, disse-nos o Espírito que em tal circunstância só Deus agia, sem intermediários. Permitti-nos algumas perguntas relativas ao assunto, que vos pedimos sejam resolvidas com a vossa clareza habitual. Concebemos perfeitamente que a vontade de Deus seja a causa primeira, nisto como em tudo; porém, sabendo que os Espíritos exercem ação sobre a matéria e que são os agentes da vontade de Deus, perguntamos se alguns dentre eles não exercerão certa influência sobre os elementos para os agitar, acalmar ou dirigir?

Resp. – Mas evidentemente. Nem poderia ser de outro modo. Deus não exerce ação direta sobre a matéria. Ele encontra agentes dedicados em todos os graus da escala dos mundos. O Espírito evocado assim se expressou por ter um conhecimento menos perfeito dessas leis, assim como das leis da guerra.

Observação de Kardec: A comunicação do oficial, acima referida, foi obtida no dia 1 de julho; esta o foi no dia 22, e por um outro médium. Nada na pergunta indica a qualidade do primeiro Espírito evocado, qualidade que lembra espontaneamente o Espírito que acaba de responder. Esta circunstância é característica e prova que o pensamento do médium em nada contribuiu para a resposta. É assim que, numa multidão de circunstâncias fortuitas, o Espírito tanto revela a sua identidade como a sua independência. Eis porque dizemos ser necessário ver muito e observar bastante. Só assim descobriremos uma porção de matizes que escapam ao observador superficial e apressado. Sabe-se que é preciso aproveitar os fatos quando eles se apresentam, e não os será provocando que os obteremos. O observador atento e paciente encontra sempre alguma coisa a respigar.

3. A mitologia se fundava inteiramente em ideias espíritas, com a única diferença de que consideravam os Espíritos como divindades. Representavam esses deuses, ou esses Espíritos com atribuições especiais. Assim, uns eram encarregados dos ventos, outros do raio, outros de presidir ao fenômeno da vegetação, etc. Semelhante crença é totalmente destituída de fundamento?

Resp. – É de tal modo destituída de fundamento que ainda está muito aquém da verdade.

4. No começo de nossas comunicações os Espíritos nos disseram coisas que parecem confirmar esse princípio. Falaram, por exemplo, que certos Espíritos habitam mais especialmente o interior da Terra e presidem aos fenômenos geológicos.

Resp. – Sim, e não tardareis muito a ter a explicação de tudo isso.

5. Os Espíritos que habitam o interior da Terra e presidem aos fenômenos geológicos são de uma ordem inferior?

Resp. – Tais Espíritos não habitam positivamente a Terra. Presidem aos fenômenos e os dirigem. São de uma ordem completamente diversa.

6. São Espíritos que se encarnaram em homens, como-nos?

Resp. – Que o serão e que já foram. Dir-vos-ei mais a respeito, dentro de pouco tempo, se o quiserdes.

Texto 23: Uma família espírita**Setembro/1859**

A Sra. G... enviuvou há três anos, ficando com quatro crianças. O filho mais velho é um amável rapaz de dezessete anos, e a filha mais jovem uma encantadora menina de seis anos. Desde muito tempo essa família se dedica ao Espiritismo, e antes mesmo que essa crença se tivesse popularizado como hoje, o pai e a mãe tinham uma espécie de intuição, que diversas circunstâncias haviam desenvolvido. O pai do Sr. G... lhe tinha aparecido diversas vezes em sua juventude e a cada vez o prevenia de coisas importantes ou lhe dava conselhos úteis. Fatos do mesmo gênero igualmente se haviam passado entre seus amigos, de sorte que, para eles, a existência de além-túmulo não era objeto da mais leve dúvida, assim como não o era a possibilidade de nos comunicarmos com os seres que nos são caros.

Ao surgir, o Espiritismo não foi senão a confirmação de uma ideia bem sedimentada e santificada pelo sentimento de uma religião esclarecida, pois aquela família é um modelo de piedade e de caridade evangélicas. Extraíram da nova ciência os meios mais diretos de comunicação; a mãe e um dos filhos tornaram-se excelentes médiuns. Entretanto, longe de empregar essa faculdade em questões fúteis, todos a consideravam como um precioso dom da Providência, do qual era permitido servir-se somente para coisas sérias. Assim, jamais a praticam sem recolhimento e respeito, e longe do olhar dos importunos e curiosos.

Entrementes o pai adoeceu e, presentindo o fim próximo, reuniu os filhos e disse-lhes: “Filhos queridos e esposa muito amada, Deus me chama para ele. Sinto que vos deixarei daqui a pouco; mas sinto que encontrareis em vossa fé na imortalidade a força necessária para suportar corajosamente esta separação, assim como levo o consolo de que poderei sempre estar entre vós e vos ajudar com os meus conselhos. Chamai-me, pois, quando eu não estiver mais na Terra; virei sentar-me ao vosso lado, conversar convosco, como fazem os nossos antepassados. Na verdade estaremos menos separados do que se eu partisse para um país longínquo. Minha adorada esposa, deixo-te uma grande tarefa; entretanto, quanto mais pesada for, mais gloriosa será. Estou certo de que nossos filhos te auxiliarão a suportá-la; não é, meus filhos? Secundai vossa mãe; evitai tudo quanto possa fazê-la sofrer; sede bons e benevolentes para com todos; estendei a mão aos vossos irmãos infelizes, porque não gostaríeis de estendê-la um dia, pedindo em vão para vós. Que a paz, a concórdia e a união reinem entre vós; que jamais o interesse vos separe, pois o interesse material é a maior barreira entre a Terra e o Céu. Pensai que estarei sempre junto a vós, que vos verei como vos vejo neste momento, e melhor ainda, pois verei o vosso pensamento. Não queirais, pois, entristecer-me depois da morte, assim como não o fizestes em minha vida.”

É um espetáculo verdadeiramente edificante presenciara intimidade dessa piedosa família. Alimentadas nas ideias espíritas, essas crianças não se consideram absolutamente separadas do pai. Para elas, ele está presente e temem praticar a menor ação que o possa desagradar. Uma noite por semana, e às vezes mais, é consagrada para conversar com ele; há, porém, as necessidades da vida, que devem ser providas – a família não é rica – razão por que um dia fixo é marcado para essas conversas piedosas, dia sempre esperado com impaciência. Muitas vezes pergunta a pequenina: “É hoje que papai vem?” Esse dia é dedicado a conversas familiares, em instruções proporcionais à inteligência, por vezes infantis, de outras vezes graves e sublimes. São conselhos dados a propósito de pequenas travessuras que ele assinala. Se faz elogios, também não poupa a crítica e, nesse caso, o culpado baixa os olhos, como se o pai estivesse à sua frente; pede-lhe perdão, que não é concedido senão depois de várias semanas de provas: sua sentença é aguardada com fervorosa ansiedade. Então, que alegria quando o pai diz: “Estou contente contigo!” Dizer, no entanto: “Não virei na próxima semana” é a mais terrível ameaça.

A festa anual não é esquecida. É sempre um dia solene, para o qual convidam os antepassados já falecidos, sem esquecer um irmãozinho morto há alguns anos. Os retratos são ornados de flores, cada criança prepara um pequeno trabalho, até mesmo uma saudação tradicional. O mais velho faz uma dissertação sobre assunto grave; uma das mocinhas executa um trecho musical; a pequenina, finalmente, recita uma fábula. É o dia das grandes comunicações, e cada convidado recebe uma lembrança dos amigos que deixou na Terra.

Como são belas essas reuniões, na sua tocante simplicidade! Como tudo ali fala ao coração! Como podemos sair dali sem estar impregnado pelo amor do bem? Nenhum olhar de mofa, nenhum sorriso céptico vem perturbar o piedoso



Estudo: Revista Espírita de Allan Kardec – Textos Seleccionados (parte I)

recolhimento; alguns amigos partilham das mesmas convicções e as pessoas devotadas à religião da família são as únicas admitidas a tomarem assento nesse banquete de sentimento.

Ride quanto quiserdes, vós que zombais das coisas mais santas. Por mais soberbos e endurecidos sejais, não vos faço a injúria de acreditar que o vosso orgulho possa ficar impassível e frio diante de um tal espetáculo.

Um dia, entretanto, foi de luto para a família, dia de verdadeiro pesar: o pai havia anunciado que durante algum tempo, muito tempo mesmo, não poderia vir; uma grande e importante missão o convocava longe da Terra. Nem por isso a festa anual deixou de ser celebrada; mas foi triste, pois lá ele não estava. Havia dito ao partir: “Meus filhos: que em meu retorno eu os possa encontrar todos dignos de mim”, razão por que cada um se esforça por tornar-se digno dele. Eles ainda esperam.

Texto 24: O Espírito e o jurado

Novembro/1859

Um de nossos correspondentes, homem de grande saber e portador de títulos científicos oficiais, o que não o impede de ter a fraqueza de acreditar que temos uma alma e que esta alma sobrevive ao corpo, que depois da morte fica errante no espaço e ainda pode comunicar-se com os vivos – tanto mais quanto ele próprio é um bom médium e mantém numerosas conversas com os seres de além-túmulo – dirige-nos a seguinte carta:

“Senhor,

Talvez julgueis acertado acolher na vossa interessante revista o fato seguinte: Há algum tempo eu era jurado. O Tribunal devia julgar um rapaz, apenas saído da adolescência, acusado de ter assassinado uma senhora idosa em horríveis circunstâncias. O acusado confessava e contava os detalhes do crime com uma impassibilidade e um cinismo que faziam estremecer a assembleia.

Entretanto, era fácil prever que, em virtude de sua idade, de sua absoluta falta de educação e das excitações que recebera em família, invocariam para ele circunstâncias atenuantes, tanto mais que ele lançava culpa na cólera de que se viu tomado, agindo contra uma provocação por injúrias.

Eu quis consultar a vítima sobre o grau de sua culpabilidade. Chamei-a durante uma sessão, mediante evocação mental. Ela me fez saber que estava presente e eu lhe dei a mão. Eisa conversação que tivemos: eu, mentalmente; ela, pela escrita:

P. Que pensais do vosso assassino?

Resp. – Não serei eu a acusá-lo.

P. Por quê?

Resp. – Porque ele foi impelido ao crime por um homem que me fez a corte há cinquenta anos e que, nada havendo obtido de mim, jurou vingar-se. Conservou na morte o desejo de vingança, aproveitando-se das disposições do acusado para inspirar-lhe o desejo de matar-me.

P. Como o sabeis?

Resp. – Porque ele próprio mo disse, quando cheguei ao mundo em que hoje habito.

P. Compreendo vossa reserva diante da excitação que vosso assassino não repeliu, como devia e podia. Entretanto, não pensais que a inspiração criminosa, à qual tão voluntariamente obedeceu, não teria sobre ele o mesmo poder, caso não houvesse nutrido ou entretido, durante muito tempo, sentimentos de inveja, de ódio e de vingança, contra vós e vossa família?

Resp. – Seguramente. Sem isso ele teria sido mais capaz de resistir. Eis por que afirmei que aquele que quis se vingar aproveitou-se das disposições deste rapaz; havereis de convir que ele não se teria dirigido a alguém que se dispusesse a resistir.

P. Ele goza com a sua vingança?

Resp. – Não, porquanto vê que lhe custará caro. Além disso, ao invés de me fazer mal, ele me prestou um serviço, fazendo-me entrar mais cedo no mundo dos Espíritos, onde sou mais feliz; foi, pois, uma ação má, sem proveito para ele.

Circunstâncias atenuantes foram admitidas pelo júri, com base nos motivos acima indicados, e a pena de morte foi afastada. A respeito do que acabo de contar, há uma observação moral de alta importância a ser feita. É necessário concluir, com efeito, que o homem deve vigiar os seus menores pensamentos, até os seus maus sentimentos, aparentemente os mais fugidios, já que estes têm a propriedade de atrair para ele Espíritos maus e corrompidos, e oferecê-lo, fraco e desarmado, às suas inspirações culposas: é uma porta que ele abre ao mal, sem compreender o perigo. Foi, pois, com um profundo conhecimento do homem e do mundo espiritual que Jesus Cristo disse: “Qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela”. (Mateus, capítulo V, versículo 28).

“Tenho a honra, etc.

Simon M...”

Texto 25: Um espírito que não se acreditava morto**Dezembro/1859**

Um dos nossos assinantes do departamento do Loiret, excelente médium escrevente, escreve-nos o que se segue, a respeito de várias aparições que testemunhou:

“Não querendo deixar no esquecimento nenhum dos fatos que vêm apoiar a Doutrina Espírita, venho comunicar os novos fenômenos de que sou testemunha e médium e que, como haveis de reconhecer, concordam perfeitamente com tudo quanto tendes publicado em vossa Revista, a propósito dos diversos estados do Espírito depois que se separa do corpo.

Há cerca de seis meses eu me ocupava de comunicações espíritas com várias pessoas, quando me veio a ideia de perguntar se, entre os assistentes, havia um médium vidente. O Espírito respondeu afirmativamente, designou-me e acrescentou: ‘Tu já o és, mas em pequeno grau e somente durante o sono; mais tarde teu temperamento se modificará de tal maneira que te tornarás um excelente médium vidente, mas pouco a pouco e, a princípio, apenas durante o sono.’

No decorrer deste ano experimentamos a dor de perder três de nossos parentes. Um deles, que era meu tio, apareceu-me em sonho algum tempo depois de sua morte; tivemos uma longa conversa e ele me conduziu ao lugar que habita, dizendo-me que era o último grau que conduzia à mansão da felicidade eterna. Era minha intenção dar-vos a descrição daquilo que admirei nessa morada incomparável, mas tendo consultado a respeito o meu Espírito familiar, respondeu-me ele: ‘A alegria e a felicidade que experimentaste poderiam influenciar a descrição das maravilhosas belezas que admiraste e tua imaginação poderia criar coisas inexistentes. Espera que teu Espírito esteja mais calmo.’ Detenho-me, então, em obediência ao meu guia, ocupando-me apenas de duas outras visões mais positivas. Relatarei somente as últimas palavras de meu tio. Após haver admirado aquilo que me era permitido ver, ele me disse: ‘Agora vais retornar à Terra. ‘Supliquei-lhe que me concedesse mais alguns instantes e ele respondeu: ‘Não; são cinco horas e deves retomar o curso de tua existência.’ No mesmo instante despertei, ao som da batida de cinco horas do meu relógio.

Minha segunda visão foi a de um dos dois outros parentes mortos durante o ano”. Tratava-se de um homem virtuoso, amável, bom pai de família, bom cristão e, embora doente desde muito tempo, morreu quase subitamente e talvez no momento em que menos esperava. Seu semblante tinha uma expressão indefinível, séria, triste e, ao mesmo tempo, feliz. Disse-me: ‘Expio minhas faltas; tenho, porém, um consolo: o de ser o protetor de minha família. Continuo a viver junto à minha mulher e meus filhos e lhes inspiro bons pensamentos. Orai por mim.’

A terceira visão é mais característica e me foi confirmada por um fato material: é a do terceiro parente. Era um homem excelente, posto que vivaz, encolerizado, imperioso com os criados e, acima de tudo, apegado desmedidamente aos bens deste mundo. Além de céptico, ocupava-se desta vida mais do que da vida futura.

Algum tempo depois de sua morte veio à noite e se pôs a acudir as cortinas com impaciência, como para me despertar. Como lhe perguntasse se era realmente ele, respondeu-me: ‘Sim; vim procurar-te porque és a única pessoa que pode responder-me. Minha esposa e meu filho partiram para Orléans; quis acompanhá-los, mas ninguém quer obedecer-me. Disse a Pedro que fizesse minhas malas, mas ele não me escuta. Ninguém me dá atenção. Se pudesses vir atrelar os cavalos na outra carruagem e providenciar a minha equipagem, prestar-me-ias um grande serviço, pois eu poderia ir reunir-me à minha esposa em Orléans.’

– Mas não podes fazê-lo tu mesmo?

– Não. Não consigo levantar nada. Depois do sono que experimentei durante a doença, estou completamente mudado; não sei mais onde me encontro. Tenho pesadelos.

– De onde vens?

– De B.

– Do castelo?

– Não!, respondeu-me com um grito de horror, levando a mão à frente; venho do cemitério!

– Após um gesto de desespero, acrescentou:

– Olha, meu caro amigo, dize a todos os meus parentes que orem por mim, porque sou muito infeliz.

A estas palavras fugiu e o perdi de vista.

Quando veio me procurar e sacudir as cortinas com impaciência, seu rosto exprimia terrível alucinação. Ao lhe perguntar como foi capaz de sacudir as cortinas, logo ele que me dizia nada poder levantar, respondeu-me bruscamente: ‘Com meu sopro!’ “

No dia seguinte fiquei sabendo que sua viúva e seu filho haviam realmente partido para Orléans.’

Comentário de Kardec: Esta última aparição é notável, pela ilusão que leva certos Espíritos a se crerem ainda vivos e, sobretudo, porque no presente caso essa ilusão prolongou-se por muito mais tempo do que em casos análogos. Muito comumente ela não dura senão alguns dias, ao passo que ele não se julgava morto apesar de já decorridos mais de três meses de seu trespasse. Aliás, a situação imperfeitamente idêntica à que observamos muitas vezes. Ele vê tudo como se estivera vivo; quer falar e se surpreende por não ser ouvido. Ocupa-se ou julga ocupar-se com suas tarefas habituais. A existência do perispírito é aqui demonstrada de maneira admirável, abstração feita da visão. Desde que se vê vivo, é que vê um corpo semelhante ao que deixou; esse corpo age como teria agido o outro; para ele nada parece ter mudado: apenas ainda não estudou as propriedades de seu novo corpo. Julga-o denso e material como o primeiro, e espanta-se, porque nada pode levantar. Entretanto, em sua situação percebe algo de estranho, que não compreende. Supõe-se dominado por um pesadelo; toma a morte por um sono: é um estado misto entre a vida corporal e a vida espírita, estado sempre penoso e cheio de ansiedade, e que tem um pouco de ambas as vidas. Como já dissemos alhures, é o que ocorre de modo mais ou menos constante nas mortes instantâneas, tais como as que se dão por suicídio, apoplexia, suplício, combate, etc.

Sabemos que a separação entre o corpo e o perispírito opera gradualmente e não de modo brusco; começa antes da morte, quando esta sobrevém pela extinção natural das forças vitais, seja pela idade, seja pela doença, sobretudo nas pessoas que em vida pressentem seu fim e em pensamento se identificam com a existência futura, de tal sorte que, ao exalarem o último suspiro, a separação é mais ou menos completa. Quando a morte surpreende um corpo cheio de vida, a separação não começa senão nesse momento, para acabar pouco a pouco. Enquanto existir uma ligação entre o corpo e o Espírito, este estará perturbado e, caso entre bruscamente no mundo dos Espíritos, experimentará um sobressalto que não lhe permitirá reconhecer imediatamente a sua situação, bem como as propriedades de seu novo corpo. É necessário ensaiar de alguma maneira e é isso que o faz pensar que ainda pertence a este mundo.

Além das circunstâncias de morte violenta, há outras que tornam mais tenazes os laços entre o corpo e o Espírito, porque a ilusão de que falamos observa-se igualmente em certos casos de morte natural: é quando o indivíduo viveu mais a vida material que a vida moral. Concebe-se que o seu apego à matéria o retém ainda depois da morte, prolongando, assim, a ideia de que nada mudou para ele. Tal é o caso da pessoa de quem acabamos de falar. Notemos a diferença existente entre a situação desse indivíduo e a do segundo parente: um ainda quer mandar; julga necessitar de suas malas, de seus cavalos, de sua carruagem, para ir ao encontro da esposa; ainda não sabe que, como Espírito, pode fazê-lo instantaneamente ou, melhor dizendo, seu perispírito ainda é tão material que se julga submetido a todas as necessidades do corpo. O outro, que viveu a vida moral, que tinha sentimentos religiosos, que se identificou com a vida futura, embora surpreendido de modo mais inesperado que o primeiro já está desprendido: diz que vive no meio da família, mas sabe que é um Espírito; fala à esposa e aos filhos, mas sabe que o faz pelo pensamento. Numa palavra, já não tem ilusões, ao passo que o outro ainda se acha perturbado e angustiado. De tal forma possui sentimento da vida real que viu a esposa e o filho que partiam, como realmente partiram no dia indicado, fato ignorado pelo parente a quem apareceu.

Notemos, além disso, uma expressão muito característica de sua parte, que bem descreve a sua posição. À pergunta: “De onde vens?” respondeu inicialmente pelo nome do lugar que habitava; a seguir, a esta outra pergunta: “Do castelo?” “Não! Venho do cemitério – respondeu com pavor. Ora, isto prova uma coisa: que não sendo completo o desprendimento, uma espécie de atração ainda existia entre o Espírito e o corpo, que o levou a dizer que vinha do cemitério. Mas nesse momento parece que começou a compreender a verdade. A própria pergunta parece colocá-lo no caminho, chamando-lhe a atenção para seus despojos. Daí por que pronunciou a palavra cemitério com pavor.

Os exemplos desta natureza são muito numerosos. Um dos mais admiráveis é o do suicida da Samaritana, que referimos no nosso número de junho de 1858. Evocado vários dias após sua morte, esse homem também afirmava estar ainda vivo, embora dissesse: “Entretanto, sinto os vermes a me corroerem.” Como fizemos observar em nosso relato, não se tratava de uma lembrança, desde que em vida não era corroído pelos vermes. Era, pois, um sentimento atual, uma



Estudo: Revista Espírita de Allan Kardec – Textos Seleccionados (parte I)

espécie de repercussão, transmitida do corpo ao Espírito pela comunicação fluídica ainda existente entre ambos. Esta comunicação nem sempre se traduz da mesma maneira, mas é sempre mais ou menos penosa, como se fora um primeiro castigo para aquele que em vida se identificou demasiadamente com a matéria.

Que diferença da calma, da serenidade, da suave quietude dos que morrem sem remorsos, com a consciência deterem bem empregado seu tempo de estágio na Terra, dos que não se deixaram dominar pelas paixões! A passagem é curta e sem amargura; a morte, para eles, é o retorno do exílio à pátria verdadeira. Haverá nisso uma teoria, um sistema? Não; é o quadro que nos oferecem todos os dias nossas comunicações de além-túmulo, quadro cujos aspectos variam ao infinito, e onde cada um pode colher um ensinamento útil, porque encontra exemplos que poderá aproveitar, caso se dê ao trabalho de consultá-los. É um espelho onde se pode reconhecer todo aquele que não se ache eneguecido pelo orgulho.

Texto 26: Estelle Riquier

Fevereiro/1860

O tédio, a mágoa, o desespero me devoram. Esposa culpada, mãe desnaturada, abandonei as santas alegrias da família, o domicílio conjugal, embelezado pela presença de dois anjinhos descidos do céu. Arrastada pelos atalhos do vício, por um egoísmo, um orgulho e uma vaidade desenfreados, mulher sem coração, conspiriei contra o santo amor daquele que Deus e os homens me haviam dado por sustentáculo e por companheiro na vida. Ele buscou na morte um refúgio contra o desespero que lhe haviam causado o meu covarde abandono e a sua desonra.

O Cristo perdoou à mulher adúltera e à Madalena arrependida. A mulher adúltera tinha amado, e Madalena se tinha arrependido. Mas, eu! – miserável – vendi a preço de ouro um falso amor que jamais senti. Semeiei o prazer a mancheias e não recolhi senão o desprezo. A miséria horrível e a fome cruel vieram pôr termo a uma vida que se me tinha tornado odiosa... e não me arrependi! Miserável e infame, muitas vezes empreguei, com fatal sucesso, infelizmente, minha infernal influência como Espírito, impelindo ao vício pobres mulheres que via virtuosas e gozando a felicidade que eu havia esmagado com os pés. Perdoar-me-á Deus algum dia? Talvez, se o desprezo que ela vos inspira não vos impedir de orar pela infeliz EstelleRiquier.

Observação de Kardec: Tendo esse Espírito se comunicado espontaneamente, sem ser chamado e sem ser conhecido de nenhum dos assistentes, foram-lhe dirigidas as seguintes perguntas:

1. Em que época morrestes?

Resp.. – Há cinquenta anos.

2. Onde moráveis?

Resp. . – Em Paris.

3. A que classe da sociedade pertencia vosso marido?

Resp. – À classe média.

4. Com que idade morrestes?

Resp. – Trinta e dois anos.

5. Que motivos vos levaram a comunicar-vos espontaneamente conosco?

Resp. – Permitiram-me para vossa instrução e para exemplo.

6. Tínheis recebido certa educação?

Resp. – Sim.

7. Esperamos que Deus vos levará em conta a franqueza da vossa confissão e do vosso arrependimento. Rogamos a ele estender a sua misericórdia sobre vós, enviando Espíritos bons para vos esclarecer sobre os meios de reparar o vosso passado.

Resp. – Oh! obrigada! obrigada! Que Deus vos ouça!

Observação de Kardec: Várias pessoas nos informaram que consideraram um dever orar pelos Espíritos sofredores que assinalamos e que reclamam assistência. Fazemos votos para que este pensamento caridoso se generalize entre os nossos leitores. Alguns receberam a visita espontânea de Espíritos pelos quais se haviam interessado e que lhes vieram agradecer.

Texto 27: Um médium curador

Março/1860

Pedimos aos nossos leitores que se reportem ao artigo do mês passado sobre os médiuns especiais; melhor compreenderão os ensinamentos que vamos dar sobre a Srta. DésiréeGodu, cuja faculdade oferece um caráter da mais notável especialidade. Há cerca de oito anos, ela passou sucessivamente por todas as fases da mediunidade; a princípio,

médium de efeitos físicos muito poderosa, tornou-se, sucessivamente, médium vidente, audiente, falante, escrevente e, finalmente, todas as suas faculdades se concentraram na cura de doentes, que parece ser a sua missão, missão que desempenha com um devotamento e uma abnegação sem limites. Deixemos falar a testemunha ocular, o Sr. Pierre, professor em Lorient, que nos transmite esses detalhes em resposta às perguntas que lhe dirigimos:

“A Srta. Désirée Godu, jovem de vinte e cinco anos, pertence a uma família muito distinta, respeitável e respeitada de Lorient; seu pai é um antigo militar, cavaleiro da Legião de Honra, e sua mãe, mulher paciente e laboriosa, ajuda a filha o quanto pode em sua penosa, mas sublime missão. Há mais ou menos seis anos que essa família patriarcal dá esmolas de remédios prescritos e, frequentemente, daquilo que é necessário aos curativos, tanto aos ricos quanto aos pobres que a procuram. Suas relações com os

Espíritos começaram no tempo das mesas girantes; então ela residia em Lorient e, durante, meses, não se falava senão das maravilhas operadas pela Srta. Godu com as mesas, sempre complacentes e dóceis sob suas mãos. Era um privilégio ser admitido às sessões de mesa em sua casa e lá não entrava quem quisesse. Simples e modesta, não buscava pôr-se em evidência. Entretanto, como bem podeis imaginar, a maledicência não a poupou.

O próprio Cristo foi injuriado, embora só fizesse e ensinasse o bem. É de admirar que ainda se encontrem fariseus, quando ainda há homens que em nada creem? É a sina de todos quantos mostram uma superioridade qualquer serem alvo dos ataques da mediocridade invejosa e ciumenta. Nada lhes custa para derrubar aquele que ergue a cabeça acima do vulgo, nem mesmo o veneno da calúnia; o hipócrita desmascarado jamais perdoa. Mas Deus é justo e quanto mais maltratado for o homem de bem, tanto

mais gloriosa será a sua reabilitação e mais humilhante a vergonha de seus inimigos: a posteridade o vingará.

Aguardando sua verdadeira missão que, conforme se diz, deve começar dentro de dois anos, o Espírito que a guia propôs-lhe a de curar todos os tipos de doenças, o que ela aceitou. Para comunicar-se, ele agora se serve de seus órgãos, muitas vezes à sua revelia, em vez das batidas insípidas das mesas. Quando é o Espírito que fala, o timbre de sua voz já não é o mesmo e os seus lábios não se movem.

A Srta. Godu recebeu apenas uma instrução comum, mas a parte principal de sua educação não devia ser obra dos homens. Quando consentiu em ser médium curador, o Espírito procedeu metodicamente para a sua instrução, sem que ela não visse outra coisa além de mãos. Uma misteriosa personagem lhe punha sob os olhos livros, gravuras ou desenhos, e lhe explicava todo o funcionamento dos órgãos do corpo humano, as propriedades das plantas, os efeitos da eletricidade, etc. Ela não é sonâmbula; ninguém a adormece. É completamente desperta que penetra os doentes com o olhar. O Espírito lhe indica os remédios, que ela geralmente prepara e aplica, cuidando e pensando as mais repugnantes feridas com a dedicação de uma irmã de caridade. Começaram por lhe dar a composição de certos unguentos que curavam em poucos dias os panarícios e as feridas de pequena gravidade, a fim de lentamente habituá-la a ver, sem muita repulsa, todas as horrendas e repugnantes misérias que deviam aparecer aos seus olhos, pondo a finura e a delicadeza de seus sentidos às mais rudes provas. Não imaginemos nela encontrar um ser sofredor, doentio e fraco; desfruta *domens sana in corpore sano* em toda a sua plenitude; longe de cuidar dos doentes por meio de um auxiliar, em tudo ela põe a própria mão, dando conta de tudo, graças à sua robusta constituição. Sabe inspirar aos doentes uma confiança sem limites, acha no coração consolações para todas as dores, tendo à mão remédios para todos os males. É de um caráter naturalmente alegre e jovial. Sua alegria é contagiante como a fé que a anima e atua instantaneamente sobre os doentes. Vi muitos se retirarem com os olhos cheios de lágrimas, doces lágrimas de admiração, de reconhecimento e de alegria. Todas as quintas-feiras, dia de feira, e domingos, das seis horas da manhã até cinco ou seis horas da tarde, a casa não se esvazia. Para ela, trabalhar é orar, e disso se desincumbe com consciência. Antes de ter de tratar os doentes passava dias inteiros confeccionando roupas para os pobres e enxovais para os recém-nascidos, empregando os meios mais engenhosos para que os presentes chegassem ao destino anonimamente, de sorte que a mão esquerda sempre ignorasse o que dava a direita. Possui grande número de certificados autênticos, concedidos por eclesiásticos, autoridades e pessoas notáveis, atestando curas que, em outros tempos, teriam sido consideradas miraculosas.”

Sabemos, por pessoas dignas de fé, que não há o menor exagero no relato que acabamos de transcrever e temos a satisfação de poder assinalar o digno emprego que a Srta. Godu faz da excepcional faculdade de que foi dotada. Esperamos que estes elogios, que temos o prazer de reproduzir no interesse da Humanidade, não alterem sua modéstia,

que dobra o valor do bem, e que ela não escute as sugestões do espírito do orgulho. O orgulho é o escolho de um grande número de médiuns e vimos muitos cujas faculdades transcendentais se aniquilaram ou perverteram, desde que deram ouvidos a este demônio tentador. As melhores intenções não dão garantia contra os embustes e é precisamente contra os bons que dirige as suas baterias, pois se satisfaz em fazê-los sucumbir e mostrar que ele é o mais forte; insinua-se no coração com tanta habilidade que muitas vezes o enche sem que o suspeite. Assim, o orgulho é o último defeito que confessamos a nós mesmos, semelhante a essas moléstias mortais que se tem em estado latente e sobre cuja gravidade o doente se ilude até o último momento. Eis por que é tão difícil erradicá-lo. A partir do momento que um médium desfrute de uma faculdade, por menos notável que seja, é procurado, elogiado, adulado. Para ele isso é uma terrível pedra de toque, pois acaba se julgando indispensável, se não for essencialmente simples e modesto. Infeliz dele, sobretudo se julgar que somente ele poderá entrar em contato com os Espíritos bons. Custa-lhe reconhecer que foi enganado e, muitas vezes, escreve ou ouve sua própria condenação, sua própria censura, sem acreditar que a ele seja dirigida. Ora, é precisamente essa cegueira que o aprisiona. Os Espíritos enganadores se aproveitam para o fascinar, o dominar, o subjugar cada vez mais, a ponto de lhe fazerem tomar por verdades as coisas mais falsas; é assim que nele se perde o dom precioso, que não havia recebido de Deus senão para se tornar útil aos semelhantes, já que os Espíritos bons sempre se afastam daqueles que preferem escutar os maus. Aquele a quem a Providência destina a ser posto em evidência o será pela força das coisas, e os

Espíritos bem saberão tirá-lo da obscuridade, se isso for útil, ao passo que, muitas vezes, quanta decepção para quem é atormentado pela necessidade de fazer falar de si! O que sabemos do caráter da Srta. Godu dá-nos a firme confiança de que ela se encontra acima dessas pequenas fraquezas e, assim, jamais comprometerá, como tantos outros, a nobre missão que recebeu.

Texto 28: O gênio das flores

Março/1860

Sou Hettani, um dos Espíritos que presidem à formação das flores, à diversidade de seus perfumes. Sou eu, ou melhor, somos nós, porquanto somos milhares de Espíritos, que ornamos os campos, os jardins; que damos ao horticultor o gosto pelas flores. Não poderíamos ensinar-lhe a mutilação que por vezes protagoniza; mas lhe ensinamos a variar seus perfumes, a embelezar suas formas, já tão graciosas. Entretanto, é principalmente para as flores desabrochadas naturalmente que se volta toda a nossa atenção; a elas prodigalizamos mais cuidados ainda: são nossas preferidas. Como tudo quanto é só tem maior necessidade de auxílio, eis porque delas cuidamos melhor.

Também somos encarregados de espalhar os perfumes. Somos nós que levamos ao exilado uma lembrança de seu país, fazendo entrar em sua prisão o perfume das flores que ornavam o jardim paterno. Àquele que ama, e ama realmente, levamos o perfume das flores ofertadas pela sua noiva; ao que chora, uma lembrança dos que se foram, fazendo desabrochar em seus túmulos as rosas e violetas que lembram as suas virtudes.

Qual de vós não nos deve essas suaves emoções? Quem não estremeceu ao contato de um perfume amado? Estais perplexos, penso, ouvindo-nos dizer que há Espíritos para tudo isso e, no entanto, é a pura verdade. Nunca encarnamos e talvez jamais encarnaremos em vosso meio. Todavia, alguns já foram homens, mas poucos entre os Espíritos dos elementos. Nossa missão, em vossa Terra, nada representa; progredimos como vós, mas é principalmente nesses planetas superiores que somos felizes.

Perguntas sobre o gênio das flores

(Sociedade, 30 de dezembro de 1859 – Médiun: Sr. Roze)

1. [A São Luís] Outro dia tivemos uma comunicação espontânea de um Espírito que disse presidir às flores e seus perfumes; haverá de fato Espíritos que podemos considerar como gênios das flores?

Resp. – Esta expressão é poética e se aplica bem ao assunto. Mas a bem dizer, seria defeituosa. Não deveis duvidar de que o Espírito preside, por toda a Criação, ao trabalho que Deus lhe confia. É assim que deve ser entendida essa comunicação.

2. Esse Espírito diz chamar-se Hettani. Como poderá ter um nome, se jamais encarnou?

Resp. – É uma ficção. O Espírito não preside, de maneira particular, à formação das flores. Antes de passar pela série animal, o Espírito elementar dirige sua ação fluídica para a criação dos vegetais. Este ainda não encarnou e somente age sob a direção de inteligências mais elevadas, que já viveram o bastante para adquirir a ciência necessária à sua missão. Foi um desses que se comunicou. Ele vos fez uma mistura poética da ação de duas classes de Espíritos que atuam na criação vegetal.

3. Não tendo ainda vivido, mesmo na vida animal, como esse Espírito pode ser tão poético?

Resp. – Relede.

4. Assim, o Espírito que se comunicou não é o que habita e anima a flor?

Resp. – Não, não. Já vo-lo disse muito claramente: ele guia.

5. Esse Espírito que nos falou esteve encarnado?

Resp. – Esteve.

6. O Espírito que dá a vida às plantas e às flores tem um pensamento, a inteligência do seu eu?

Resp. – Nenhum pensamento, nenhum instinto.

Texto 29: Um Espírito se faz passar por São Luiz

Junho/1860

Boletim da sociedade:

Leitura da comunicação seguinte, recebida em sessão particular, a propósito dos trabalhos da última sessão, pela Sra. S..., médium.

P. – Por que São Luís não se comunicou sexta-feira passada pelo Sr. Didier, e deixou falasse um Espírito enganador?

Resp. – São Luís estava presente, mas não quis falar. Aliás, não reconhecestes que não era ele? É o essencial. Não fostes enganados, desde que vos destes conta da impostura.

P. Com que objetivo ele não quis falar?

Resp. – Podeis perguntar a ele mesmo. Está aqui.

P. São Luís poderia esclarecer o motivo de sua abstenção?

Resp. – Ficastes contrariado com o que aconteceu; entretanto, deveis saber que nada acontece sem motivo. Muitas vezes há coisas, cujo objetivo não compreendeis, que a princípio parecem más, porque sois muito impacientes, mas cuja sabedoria mais tarde reconheceis. Ficai, pois, tranquilos e não vos inquieteis por nada; sabemos distinguir os que são sinceros e velamos por eles.

P. Se foi uma lição que quisestes nos dar, eu a compreenderia, quando estamos entre nós; mas em presença de estranhos, que poderiam ficar mal impressionados, parece que o mal sobrepuxa o bem.

Resp. – Laborais em erro, vendo as coisas assim. O mal não consiste naquilo em que acreditais, e eu vos asseguro que houve pessoas aos olhos das quais essa espécie de revés foi uma prova da boa-fé de vossa parte. Aliás, do mal muitas vezes resulta o bem. Quando vedes um jardineiro cortar os belos ramos de uma árvore, deplorais a perda da verdura, e isso vos parece um mal; porém, uma vez suprimidos esses ramos parasitas, os frutos são mais belos e saborosos: eis o bem, e então achais que o jardineiro foi sábio e mais prudente do que supúnheis. Do mesmo modo, se se amputa um membro de um doente, a perda do membro é um mal, mas, após a amputação, se fica melhor, eis o bem, porque talvez lhe tenham salvo a vida. Refleti bem nisto e havereis de compreender.

P. É muito justo. Mas como se explica que, apelando aos Espíritos bons e lhes pedindo que afastem os impostores, o apelo não seja atendido?

Resp. – É atendido, não o duvideis. Mas estais bem seguros de que o apelo procede do fundo do coração de todos os assistentes, ou que não haja alguém que, por um pensamento pouco caridoso e malévolo, ou pelo desejo, atraia para o meio de vós os Espíritos maus? Eis por que vos dizemos incessantemente: Sede unidos; sede bons e benevolentes uns para com os outros. Disse Jesus: “Quando estiverdes reunidos em meu nome, estarei entre vós”. Acreditais, por isso, que basta pronunciar o seu nome? Não o penseis e convencei-vos de que Jesus não vai senão aonde é chamado pelos corações puros; aos que praticam os seus preceitos, porquanto esses estão verdadeiramente reunidos em seu nome. Não vai aos orgulhosos, nem aos ambiciosos, nem aos hipócritas, nem aos que falam mal do próximo. Foi a eles que Jesus se referiu: “Não entrarão no reino dos céus”.

P. Compreendo que os Espíritos bons se afastem dos que não lhes ouvem os conselhos; mas se, entre os assistentes, há mal intencionados, é isto uma razão para punir os outros?

Resp. – Admiro-me de vossa insistência. Parece que me expliquei com muita clareza para quem queira compreender. É preciso repetir que não vos deveis preocupar com tais coisas, que são puerilidades junto ao grande edifício da doutrina, que se ergue? Acreditais que vossa casa vai cair porque se desprende uma telha? Duvidais de nosso poder, de nossa benevolência? Não? Pois bem! deixai-nos então agir e ficai certos de que todo pensamento, bom ou mau, tem seu eco no seio do Eterno.

P. Nada dissestes a respeito da invocação geral que fazemos no começo de cada sessão. Podeis dizer o que pensais?



Estudo: Revista Espírita de Allan Kardec – Textos Seleccionados (parte I)

Resp. – Deveis sempre apelar aos Espíritos bons; a forma, bem o sabeis, é insignificante: o pensamento é tudo. Admirai-vos do que se passou; mas examinastes bem o rosto dos que vos escutavam quando fazíeis essa invocação? Não percebestes, mais de uma vez, o sorriso de sarcasmo em certos lábios? Que Espíritos pensais que tragam essas pessoas? Espíritos que, como elas, se riem das coisas mais sagradas. É por isso que vos digo para não admitirdes o primeiro que vier, evitando os curiosos e os que não vêm para se instruírem. Cada coisa virá a seu tempo e ninguém pode prejudicar os desígnios de Deus. Em verdade vos digo que aqueles que hoje sorriem destas coisas não rirão por muito tempo.

Texto 30: O Espírito e o cãozinho

junho/1860

O Sr. G. G..., de Marselha, nos transmite o seguinte fato:

“Um rapaz faleceu há oito meses e sua família, na qual há três irmãs médiuns, o evoca quase diariamente, por meio de uma cesta. Cada vez que o Espírito é chamado, um cãozinho, do qual muito gostava, salta sobre a mesa e vem cheirar a cesta, soltando pequenos ganidos. A primeira vez que isto aconteceu, a cesta escreveu: ‘Meu bravo cachorrinho, que me reconhece.’

Não presenciei o fato, mas as pessoas, das quais o ouvi várias vezes, o testemunharam e são excelentes espíritas e muito sérias para que eu possa pôr em dúvida a sua veracidade. Perguntei a mim mesmo se o perispírito conservava partículas materiais suficientes para afetar o olfato do cão, ou se este seria dotado da faculdade de ver os Espíritos. É um problema que me parece útil aprofundar, caso ainda não esteja resolvido.”

1. Evocação do Sr. M***, morto há oito meses, do qual acabamos de falar.

Resp. – Eis-me aqui.

2. Confirmais o fato relativo ao vosso cão, que vem cheirar a cesta que serve às vossas evocações, e que parece reconhecer-vos?

Resp. – Sim.

3. Poderíeis dizer-nos a causa que atrai o cão para a cesta?

Resp. – A extrema finura dos sentidos pode levar a adivinhar a presença do Espírito e até vê-lo.

4. O cão vos vê ou vos sente?

Resp. – O olfato, sobretudo, e o fluido magnético.

Charlet

Observação de Kardec: Charlet, o pintor, deu à Sociedade uma série de comunicações muito notáveis sobre os animais, e que publicaremos brevemente. Por certo foi a esse título que interferiu espontaneamente na presente evocação.

5. Considerando que Charlet quer mesmo intervir na questão de que nos ocupamos, nós lhe pedimos que dê algumas explicações a respeito.

Resp. – Com prazer. O fato é perfeitamente verossímil e, em consequência, natural. Falo em geral, pois não conheço aquele de que se trata. O cão é dotado de uma organização muito particular; compreende o homem, eis tudo. Sente-o, segue-o em todas as suas ações com a curiosidade de uma criança; ama-o e chega mesmo a ponto – e temos muitos exemplos para confirmar o que adiantamos – de a ele se dedicar. O cão deve ser – não tenho certeza, entendi bem – um desses animais vindos de um mundo já avançado, para sustentar o homem em seu sofrimento, servi-lo, guardá-lo. Acabo de falar das qualidades morais que, positivamente, o cão possui. Quanto às suas faculdades sensitivas, são extremamente apuradas. Todos os caçadores conhecem a sutileza do faro do cão; além dessa faculdade, o cão compreende quase todas as ações do homem; compreende a importância de sua morte. Por que não adivinharia a sua alma e por que, mesmo, não a veria?

Charlet

No dia seguinte a Sra. Lesc..., médium, membro da Sociedade, obteve em particular a explicação seguinte, sobre o mesmo assunto:

“O fato citado na Sociedade é verídico, embora o perispíritodesprendido do corpo não tenha nenhuma de suas emanções. O cão farejava a presença do dono; quando digo farejava, entendo que seus órgãos percebiam sem que os olhos vissem, sem que o nariz sentisse; mas todo o seu ser estava advertido da presença do dono, e essa advertência lhe era dada, sobretudo, pela vontade que se desprendia do Espírito dos que evocavam o morto. A vontade humana alcança e adverte o instinto dos animais, principalmente dos cães, antes que algum sinal exterior o tenha revelado. O cão é posto, por suas fibras nervosas, em contato direto conosco, Espírito, quase tanto quanto com os homens; percebe as aparições; dá-se conta da diferença existente entre elas e as coisas reais ou terrestres e lhes tem um grande pavor. O cão uiva à Lua, conforme a expressão vulgar; uiva também quando sente a morte chegar. Em ambos os casos, e em muitos outros ainda,



Estudo: Revista Espírita de Allan Kardec – Textos Seleccionados (parte I)

o cão é intuitivo. Acrescentarei que seu órgão visual é menos desenvolvido que seu órgão perceptivo; ele vê menos do que sente. O fluido elétrico o penetra quase que habitualmente. O fato que me serviu de ponto de partida nada tem de surpreendente, porque, no momento do desprendimento da vontade que chamava seu dono, o cão sentia sua presença quase tão depressa que o próprio Espírito ouvia e respondia à chamada que lhe era feita.”

Georges (Espírito familiar).